



MINISTÉRIO DA CULTURA  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
Superintendência do IPHAN no Estado do Piauí  
Divisão Técnica do IPHAN-PI  
Departamento [DESCREVER]  
Divisão Técnica do IPHAN-PI

Parecer Técnico nº 35/2025/DIVTEC IPHAN-PI/IPHAN-PI

**ASSUNTO:** Parecer Técnico

**REFERÊNCIA:** Proc. 01496.000050/2019-43

*Teresina, 01 de novembro de 2025.*

O presente Parecer refere-se a uma das etapas de instrução técnica do processo de candidatura dos Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte/CE à inscrição no Livro de Registro dos Lugares, como Patrimônio Cultural Brasileiro, conforme a legislação e normas aplicáveis. Tem por objetivo apresentar subsídios técnicos para embasar a argumentação e as recomendações relativas ao reconhecimento do referido.

O volume processual (Processo SEI nº 01496.000050/2019-43) é composto pelo requerimento de registro, por dois ofícios encaminhados pela Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte solicitando a efetivação do registro, pela troca de correspondências entre a Prefeitura acima citada e a Superintendência do IPHAN no Ceará sobre os procedimentos adequados à candidatura, e por uma listagem com 12.125 assinaturas de devotos oriundos de todos os estados do Nordeste. Constam ainda nos autos notas técnicas da Superintendência do IPHAN no Ceará, que avaliam a pertinência do pleito e a relevância da documentação apresentada, bem como pareceres e notas técnicas do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), responsáveis pelo acompanhamento técnico do processo. Destaca-se o documento referente à consulta à Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, cujo parecer foi favorável ao exame prévio da solicitação.

Por fim, o processo é complementado pelo Dossiê Descritivo de Candidatura, documento fundamental para a análise do pedido de registro. Os documentos reunidos abrangem o período de 2019 a 2025, com alguns intervalos mais extensos de comunicação entre as partes.

Nossa análise tem como referência o conjunto documental reunido no processo SEI nº 01496.000050/2019 - 43, com ênfase nas informações sistematizadas no dossiê de candidatura elaborado entre 2024 e 2025, considerando especialmente os dados históricos e de análise de campo. Serão igualmente observadas as normativas, os marcos regulatórios e as diretrizes

metodológicas que orientam os processos de identificação e reconhecimento do patrimônio cultural imaterial no Brasil, a saber: o Decreto nº 3.551/2000 e a Resolução nº 001/2006 do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Busca-se, assim, articular a documentação apresentada aos referenciais teórico-metodológicos que estruturam a construção de narrativas sobre os processos de patrimonialização, garantindo rigor crítico e consistência interpretativa na avaliação proposta. Dessa forma, pretende-se oferecer uma análise fundamentada e criteriosa, atendendo aos requisitos necessários para a consagração de um bem como patrimônio cultural imaterial em nível nacional.

## **2 - OS CAMINHOS, AS VEREDAS E AS TRAVESSIAS DO PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DOS LUGARES SAGRADOS DE JUAZEIRO DO NORTE/CE.**

(...) Ó que Caminho tão longo cheio de pedra e areia.

(...) No Caminho de Juazeiro ninguém nunca se perdeu(...)

A primeira requisição foi protocolada em 2018 pela Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, inicialmente pelo Prefeito e, depois, pela Secretaria Municipal de Cultura, com informações da Superintendência do IPHAN/CE. Em 31 de janeiro de 2019, o técnico Igor Meneses elaborou a Nota Técnica nº 35 (processo SEI nº 01496.0000.50/2019-43), na qual analisou o requerimento e apontou inconsistências nos documentos, destacando a questão da legitimidade do proponente, conforme o Art. 2º do Decreto nº 3.551/2000.

*Art. 2º São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro: I - o Ministro de Estado da Cultura; II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura; III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal; IV - sociedades ou associações civis.*

Como mencionado, o prefeito de Juazeiro do Norte, individualmente, não poderia emitir o documento em nome próprio; a manifestação caberia à Secretaria de Cultura, em representação oficial da Administração Pública. Além disso, a proposta deveria ser endereçada ao presidente do IPHAN, autoridade competente para a abertura do processo, ainda que o protocolo ocorresse na Superintendência Regional. A nota técnica também destacou a insuficiência da documentação apresentada, especialmente a ausência ou fragmentação de registros empíricos — como fotografias, vídeos, documentos escritos e depoimentos orais — necessários para comprovar a trajetória histórica e a continuidade temporal do bem.

Diante disso, em março de 2019, a Prefeitura encaminhou um ofício à então presidente do IPHAN, Kátia Bogéa, anexando o formulário de solicitação de registro de bens culturais e documentos históricos que buscavam atender à demanda por maior profundidade e continuidade histórica do bem. Em 27 de setembro de 2019, o historiador Igor Menezes apresentou o Parecer Técnico nº 57/processo SEI nº 01496.000050/2019 - 43, reconhecendo a relevância histórica e cultural do pleito em análise. Foram anexados documentos fotográficos e mapas dos lugares sagrados de Juazeiro do Norte, além de 12.125 assinaturas de devotos, conferindo legitimidade ao processo.

Com o apoio do Departamento de Patrimônio Imaterial, foi contratada, em 2023, uma equipe especializada — composta pela empresa CAMPO, por docentes da Universidade Regional

do Cariri (URCA) e por profissionais das áreas de geografia e georreferenciamento — para a elaboração do dossiê de candidatura. O trabalho desenvolveu-se por meio da produção de cartografias, registros fotográficos e um conjunto expressivo de depoimentos orais, além da análise de documentação histórica, do levantamento bibliográfico e da realização de observações etnográficas em campo. Nesse contexto, foi igualmente produzido o documentário *Juazeiro Chão Sagrado*, dirigido pelo reconhecido cineasta Rosemberg Cariry, cuja contribuição foi fundamental para o enriquecimento da narrativa da candidatura em pauta.

A candidatura dos lugares sagrados de Juazeiro do Norte/CE à condição de Patrimônio Imaterial brasileiro integra um processo complexo de reconhecimento de práticas e experiências que articulam cartografias religiosas e constelações de sentidos — imagéticos, sociais e espirituais — forjadas no horizonte histórico e espacial da devoção a Padre Cícero Romão Batista. No entanto, conforme evidenciado pelo próprio dossiê de registro, a construção dessa figura enigmática se deu por meio de um processo sócio-histórico e religioso, no qual outros atores de significativa relevância social e histórica também desempenharam papéis centrais, entre os quais se destacam o Padre Ibiapina, a Beata Maria de Araújo e o Beato José Lourenço. Do ponto de vista da política patrimonial, conforme exposto em uma das notas técnicas elaboradas pelo técnico da Superintendência do IPHAN no Ceará, Igor Menezes, a produção narrativa que fundamenta esta candidatura se articula com outras redes e construções argumentativas, refletindo mais de duas décadas de atuação do IPHAN no estado do Ceará.

A candidatura dos lugares sagrados de Juazeiro do Norte/CE à condição de Patrimônio Imaterial brasileiro integra um processo complexo de reconhecimento de práticas e experiências que articulam cartografias religiosas e constelações de sentidos — imagéticos, sociais e espirituais — forjadas no horizonte histórico e espacial da devoção a Padre Cícero Romão Batista. No entanto, conforme evidenciado pelo próprio dossiê de registro, a construção dessa figura enigmática se deu por meio de um processo sócio-histórico e religioso, no qual outros atores de significativa relevância social e histórica também desempenharam papéis centrais, entre os quais se destacam o Padre Ibiapina, a Beata Maria de Araújo e o Beato José Lourenço. Do ponto de vista da política patrimonial, conforme exposto em uma das notas técnicas elaboradas pelo técnico da Superintendência do IPHAN no Ceará, Igor Menezes, a produção narrativa que fundamenta esta candidatura se articula com outras redes e construções argumentativas, refletindo mais de duas décadas de atuação do IPHAN no estado do Ceará.

Neste sentido, os primeiros processos de mapeamento de diversas práticas simbólicas foram realizados pelo Projeto Cariri (parceria entre IPHAN, FUNDETEC e URCA). Durante a execução desse projeto, foi aplicado o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) em pontos estratégicos do território caririense. Nas fichas de registro de lugares, as cartografias sagradas de Juazeiro do Norte já se destacavam por sua exuberância e relevância patrimonial (processo relacionado nº 01496.000569/2019-21). Tal projeto foi a base de muitas iniciativas em prol da documentação e reconhecimento de bens culturais imateriais existentes no território do Cariri cearense, a exemplo da Festa do Pau de Santo Antônio de Barbalha, tornada Patrimônio Cultural brasileiro no ano de 2015. O registro dos lugares sagrados de Juazeiro do Norte faz parte assim de um processo longo e árduo de identificação e reconhecimento cultural. Foi um trabalho de muitas mãos, interrompido durante alguns anos e por motivos variados, mas que teve como

principal fio condutor a busca pela construção de um mapeamento e de um acervo de informações da diversidade de bens culturais existentes/e (re) inventadas no território cariense.

Como já mencionado, com o objetivo de analisar e verificar os valores patrimoniais desta candidatura, elaborou-se um dossiê de registro — que constitui o núcleo de nossa análise — com mais de 300 páginas. O documento combina narrativa histórica, análise espacial, investigação etnográfica e depoimentos provenientes de distintas categorias sociais, evidenciando os variados usos sociais dos espaços sagrados em questão. Conforme exposto, o dossiê organiza-se em duas frentes complementares: uma argumentação sócio-histórica e outra etnográfica. Nesta seção, examinaremos a força argumentativa de cada uma dessas frentes, considerando seu papel na construção de um panorama abrangente e fundamentado dos valores patrimoniais analisados.

Como apresentado de forma geral anteriormente, o primeiro eixo argumentativo, busca evidenciar a tradição, profundidade e continuidade histórica das práticas religiosas vivenciadas em Juazeiro do Norte/CE. Para isso, recorre-se a um amplo acervo documental e a um diálogo crítico com a historiografia contemporânea sobre o tema. O segundo eixo resulta de um rigoroso trabalho de campo, que envolveu a elaboração cartográfica atualizada dos espaços sagrados e a realização de entrevistas de história oral com romeiros de diferentes faixas etárias, religiosos e leigos responsáveis pela administração desses locais, além de intelectuais e moradores do município. Embora as experiências registradas sejam diversas, convergem quanto ao significado atribuído à sacralização dos espaços. Como afirma Peregrino (2021) a romaria de Juazeiro do Norte se configura como um desses eventos de longa duração que, ainda que possa ser analisado em sua longevidade temporal, vem se transformando desde o seu início até atualmente.

Conforme será demonstrado na análise, a pesquisa reuniu descrições sobre Juazeiro do Norte e sua evolução demográfica, os aspectos históricos e sociais do milagre da hóstia, a constituição dos lugares a partir de sua sacralidade, a relação entre o espaço, os sujeitos que o percorrem e a configuração socioambiental das secas nordestinas, além da dinâmica histórica das romarias e da vida, morte e beatificação de Padre Cícero, compreendidos como elementos centrais na reestruturação da relação entre a Igreja Católica e os devotos.

De antemão, é possível afirmar que o dossiê de candidatura apresenta uma caracterização detalhada e sensível de cada espaço sagrado, acompanhada de justificativas para seu registro e recomendações de salvaguarda, ressaltando aspectos fundamentais para a promoção e a sustentabilidade dessas espacialidades. Além disso, evidencia-se a preocupação do texto argumentativo em destacar a importância desses espaços para a identidade, a memória e a história social do Nordeste brasileiro.

Neste contexto, entendemos que a categoria lugares (no plural mesmo) se mostra particularmente adequada para compreender a configuração que sustenta a sacralização dos espaços em questão. Assim como a estrutura do bem apresenta complexidade, percebe-se também complexidade nos sujeitos que o (re)definem e lhes atribuem novos sentidos. A dinâmica de sua organização é claramente marcada pelas tensões entre as narrativas de controle da Igreja Católica e do poder público e a força expressiva da religiosidade popular. Esta última se configura a partir de uma espiritualidade relacional, em constante tensão com a hierarquia católica e com a lógica ordenadora do poder público. Trata-se, portanto, de uma religiosidade marcada pelo conflito — um conflito que se aproxima mais da resistência, da resiliência e dos saberes populares, os quais (re)inventaram, ao longo do tempo, seu modo de peregrinar, compartilhando com o santo a

experiência “no sol”, do lado de fora, como um santo igualmente peregrino (PEREGRINO, 2021, p. 148).

De antemão, entende-se que o dossiê de registro apresentado atende de forma rigorosa às recomendações das notas e pareceres técnicos que fundamentam o processo em questão, além de se respaldar no conjunto de argumentações que lhe conferem sólidos subsídios teórico-metodológicos. Conforme apresentado, sua estrutura organiza-se em duas partes: a justificativa sócio-histórica e a narrativa etnográfica e contemporânea do bem. Na primeira parte, destaca-se o uso de um acervo documental rico e diversificado para descrever historicamente os fenômenos religiosos, políticos e sociais que sustentaram a dimensão sagrada dessa cidade. Ressalta-se, nesse contexto, a importância da análise das diferentes camadas, acontecimentos e ciclos históricos do fenômeno romeiro em Juazeiro. Já na segunda parte — voltada à cartografia simbólica desses espaços na contemporaneidade — a ênfase se desloca do âmbito sócio-histórico para a ressignificação do espaço, evidenciando experiências de sacralização e a construção de uma cosmogonia singular e exuberante. O dossiê revela, assim, uma clara preocupação em abarcar a profundidade, a continuidade e a dinamicidade histórica do bem, bem como a vivacidade e a relevância cultural desses fenômenos na contemporaneidade.

Como já exposto, considerando todo o conjunto documental apresentado, verifica-se que o conhecimento relativo aos Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte, bem como os requisitos para o seu registro, encontram-se devidamente consignados no presente processo, em estrita conformidade com o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, e a Resolução nº 001, de 3 de agosto de 2006, bem como com as normativas que subsidiam o reconhecimento, a promoção e a gestão dos bens culturais representativos da identidade e da memória sociocultural brasileira.

### **3- DO BEM CULTURAL: JUAZEIRO, UMA CARTOGRAFIA HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA DE SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS**

#### **3.1 Patrimonialidade, historicidade e experiência:**

Como já explicitado aqui, a constituição dos Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte/CE apresenta uma historicidade e uma espacialidade marcantes. Os itinerários que conduzem à sua transfiguração em uma cartografia simbólica suscetível de patrimonialização apresentam-se permeados por sinuosidades, rupturas e descontinuidades. Tal historicidade e espacialidade foram forjadas, em primeira instância, por um conjunto de acontecimentos históricos indissociáveis da enigmática figura do Padre Cícero Romão Batista. Todavia, em face da complexidade intrínseca a esse processo, uma multiplicidade de símbolos, repertórios imagéticos e práticas culturais provenientes de distintas matrizes foi, ao longo do tempo, entretecendo-se a essa narrativa nuclear, conferindo-lhe maior densidade, diversidade e riqueza, sobretudo no que tange às experiências místicas vivenciadas nesse território. Padre Cícero é o alicerce do sagrado em Juazeiro, que, contudo, o transcende.

Neste ponto, propomos percorrer a historicidade e a espacialidade a partir das questões delineadas no dossiê de registro, documento que sustenta esta candidatura. Para enriquecer a narrativa e fortalecer o arcabouço argumentativo, incorporamos também um conjunto de estudos acadêmicos que, ao longo dos últimos anos, vêm se dedicando à reflexão sobre o tempo, oferecendo contribuições significativas para a identificação, o reconhecimento e a gestão do bem

cultural em questão. As argumentações presentes em algumas dessas pesquisas fundamentais permeiam, de forma direta ou indireta, o próprio documento de candidatura, estabelecendo um diálogo contínuo entre registro e reflexão acadêmica.

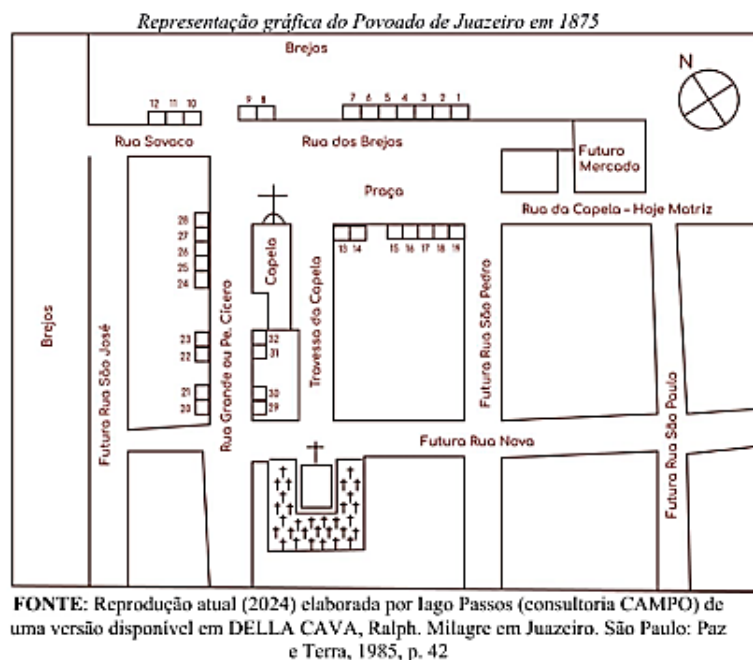
Conforme será discutido adiante, é importante destacar que a memória referente ao Padre Cícero e aos lugares sagrados associados à sua devoção tem sido constantemente representada, ao longo do tempo, por diferentes bens culturais oficialmente reconhecidos pelo IPHAN — como a literatura de cordel, o repente e as matrizes tradicionais do forró —, mas também por manifestações não oficialmente reconhecidas, embora profundamente enraizadas na memória e no imaginário social nordestino, como a xilogravura e o artesanato em barro e madeira. Nesse sentido, compreende-se que a relevância desse registro transcende a dimensão de reparação histórica vinculada à resiliência dessas práticas devocionais, projetando-se, sobretudo, como uma fonte contínua e significativa de produção e renovação de outras linguagens patrimoniais.

Seguindo as próprias travessias das experiências e dos relatos, Juazeiro é apresentada pelo dossiê de registro como uma cidade-santuário. Constituída em uma cartografia marcada, sobretudo, pelas experiências místicas e pelas expressões corporais de devoção, a cidade configura-se como um dos mais significativos centros de peregrinação do Brasil. A dimensão patrimonial que a caracteriza ultrapassa a materialidade — embora esta seja fundamental ao processo — e articula-se, principalmente, às práticas simbólicas, culturais e religiosas que lhe conferem sentido, continuamente ressignificado a cada romaria e ao longo do tempo. Desse modo, Juazeiro consolida-se como referência para beatos e fiéis que, movidos por motivações espirituais, percorrem o caminho da peregrinação a pé, de ônibus e, durante muitas décadas, em paus de arara. "Segundo Mircea Eliade, todo espaço sagrado "implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente" (DOSSIÊ, p. 143).

### 3.2 Historicidades:

"Juazeiro é uma terra de pouca geografia e muita história". (Murilo de Sá Barreto)

Quando da chegada do jovem sacerdote, em 11 de abril de 1872, Joazeiro ainda era um povoado simples e desabitado. Sua vinda — auto-relatada como uma missão espiritual — transformou a ele próprio e marcou para sempre aquele território. Contudo, como explicitado no dossiê de registro e na historiografia recente sobre o tema, movimentações religiosas de grande dimensão coletiva já atravessavam espaços como Canudos, por exemplo. Na Chapada do Araripe, as águas milagrosas do Caldas já constituíam locais de peregrinação para a cura do corpo e do espírito, seguindo as recomendações do Padre Ibiapina em suas missões (AGPO, 2021). A memória coletiva também associa a atuação desse sacerdote à proliferação de grupos de naquelas terras. Euclides da Cunha, ao tratar de Canudos, também relata a errância desses sujeitos auto-flagelantes pelos sertões adentro. Mesmo com sua exuberância e força histórica indiscutível, a experiência de Juazeiro e do Padre Cícero deve ser compreendida como parte de um processo histórico e social mais amplo, relacionado a um catolicismo sertanejo e a um sem-número de práticas culturais de matrizes diversas. Práticas que se fizeram longe do estado e longe da igreja católica oficial.



Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, os devotos de Juazeiro praticavam uma religiosidade popular marcada por oração, penitência e autoflagelação, voltada à salvação da alma. Neste contexto, a figura dos beatos e penitentes se destacam. Homens e mulheres que, à margem da vigilância da Igreja oficial, erigem seus próprios espaços de culto e conduzem práticas religiosas próprias diante dos ritos de passagem da vida, das epidemias e enfermidades enigmáticas, bem como diante da morte. Essas práticas se apresentavam como respostas pela gritante mortalidade causada por epidemias e secas. Nos sertões, a religiosidade popular combinava devoções católicas com elementos indígenas e afro-brasileiros, expressando-se em missões, irmandades e crenças milenaristas, tensionando a hierarquia da Igreja, que buscava consolidar a autoridade e reforçar o papel dos padres. (AGAPTO, 2021)).

A sacralidade de Juazeiro do Norte teve início com a chegada do Padre Cícero, em 1872, após um sonho-revelação que o levou a permanecer no povoado e dedicar-se aos desvalidos que o procuravam com fervor crescente. A devoção, porém, ganhou nova força com a figura da beata Maria de Araújo — mulher negra, pobre e analfabeta — conhecida por suas visões e êxtases místicos. Em 1º de março de 1889, durante a comunhão, a hóstia que ela recebeu teria se transformado em sangue, episódio que ficou conhecido como o “Milagre de Juazeiro”. A notícia se espalhou rapidamente, atraindo romeiros de diversas regiões e transformando o lugar em um importante centro de peregrinação. Vale destacar que o chamado milagre da Hóstia teria ocorrido no local onde hoje se ergue a Basílica de Nossa Senhora das Dores, reconhecida como um dos principais espaços sagrados de Juazeiro do Norte. Para os romeiros, a verdadeira chegada à cidade só se completa quando alcançam a Matriz de Nossa Senhora das Dores.

A reação da Igreja Católica ao fenômeno religioso de Juazeiro do Norte foi predominantemente negativa. Inserido no contexto do processo de romanização do catolicismo no Brasil, o episódio foi interpretado pelas autoridades eclesiásticas como uma manifestação herética, resultando no afastamento do Padre Cícero de suas funções sacerdotais. Um representante da Igreja Católica chegou a afirmar que Jesus Cristo não deixaria de realizar milagres na Europa para manifestá-los no sertão do Ceará, declaração que evidencia o ceticismo institucional e o preconceito em relação às expressões da religiosidade popular. A primeira

comissão episcopal reconheceu o caráter sobrenatural do acontecimento, mas uma segunda o negou, sob a orientação do bispo Dom Joaquim José Vieira. Como resultado, Padre Cícero Romão Batista foi suspenso das funções sacerdotais e Maria de Araújo, acusada de fraude, teve sua memória silenciada. O bispo determinou seu afastamento e classificou o chamado “milagre da Hóstia” como falso. A história e a memória de Maria de Araújo foram violentadas durante décadas, sobrevivendo nas narrativas orais.

A decisão resultou na proibição de que Padre Cícero celebrasse missas e administrasse os sacramentos, levando-o à vida política. Ele exerceu o cargo de prefeito de Juazeiro do Norte entre 1911 e 1912, e novamente de 1914 a 1927. Em 1894, foi suspenso pela Santa Sé sob acusação de manipular a fé popular e fomentar o fanatismo religioso. Em 1916, foi excomungado, consolidando o rompimento com a Igreja oficial. Apesar das sanções e do apagamento oficial, a religiosidade popular persistiu. As romarias a Juazeiro continuaram crescendo, fortalecendo a devoção ao Padre Cícero e evidenciando a distância entre a fé do povo e a Igreja institucional.

*Romeiros esperando a “hora da bênção” do Padre Cícero*



**FONTE:** Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker - LACIM/UFCA (autoria e data desconhecidas)

Antes mesmo do denominado “milagre da hóstia”, Juazeiro e Padre Cícero já se constituíam como polos de atração para milhares de fiéis em busca de redenção espiritual e de melhores condições materiais. Durante a grande seca de 1877 a 1880, Padre Cícero Romão Batista incentivou o cultivo de alimentos na Chapada do Araripe — reconhecida como um verdadeiro oásis em meio ao semiárido nordestino —, o que contribuiu significativamente para o fortalecimento de sua imagem como líder comunitário e figura de santidade popular. Em 1878, o bispo Dom Luís consagrou a diocese ao Sagrado Coração de Jesus, intensificando as práticas religiosas e consolidando a centralidade da fé católica na vida social da região. Na seca de 1888, Cícero implementou medidas de organização agrícola, promoveu a construção de reservatórios e estimulou novas formas de trabalho, oferecendo à população tanto suporte material quanto orientação espiritual. Dessa forma, sertanejos provenientes de diversas localidades passaram a recorrer a sua intermediação para obter conselhos, expor suas dificuldades e buscar conforto religioso, reconhecendo em Padre Cícero uma liderança carismática e uma referência moral capaz de articular fé, solidariedade e sobrevivência no contexto adverso do sertão.

*Charge sobre padre Cícero e as beatas do Juazeiro - 1894*

**FONTE:** Revista Lanterna Mágica - Recife | Reproduzida no livro “Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão de Lira Neto, 2009, p. 203”

Entre os personagens que fizeram parte do cotidiano doutrinário do Padre Cícero, no pequeno povoado de Juazeiro, destacam-se mulheres negras e mestiças — como Teresa do Padre, Maria das Malvas, Maria Magdalena, Martinha do Espírito Santo e Maria Preta — que, embora marcadas pela “baixa condição” social (ex-escravas, pobres, migrantes), encontraram em Juazeiro um espaço de relevância social como beatas, cuidadoras, cozinheiras, zeladoras e cantoras em cerimônias religiosas. Essas mulheres tornando-se afilhadas e protegidas do Padre Cícero (AGPTO, 2021). Vários são os relatos memorialísticos que dão conta da relação de afetividade, proteção e protagonismo que aquela proximidade proporciona. Assim como demonstrado pelas informações históricas presentes no dossiê de registro, os fluxos migratórios-devocionais que vão ao longo do tempo cartografando imagneticamente os espaços sagrados de Juazeiro possuem uma historicidade que precisa ser compreendida para se que entenda também como seus traçados vão adquirindo (ou (re) adquirindo) sentido efetivamente.

Neste sentido, a morte do Padre Cícero, em 20 de julho de 1934, provocou grande comoção em Juazeiro do Norte e repercutiu nacionalmente. O comércio fechou, houve escassez de alimentos e milhares de romeiros chegaram à cidade. Durante o velório e o enterro, registraram-se desmaios, mortes e episódios de perda dos sentidos, enquanto rumores de ressurreição se espalhavam por todos os cantos. O luto foi intenso, e até hoje muitos fiéis se vestem de preto nessa data. A imprensa da época retratou o fundador de Juazeiro do Norte de maneiras diversas: como santo, líder político, fanático ou charlatão. Sua morte consolidou a cidade como polo de peregrinação religiosa, mas também gerou incertezas entre fiéis, intelectuais e moradores. Até hoje, flores, objetos e ex-votos são depositados em seu túmulo (DA SILVA, 2018). Após a morte de Padre Cícero, muitos fiéis passaram a se ajoelhar em penitência diante da estátua esculpida pelo escultor italiano Agostinho Balmes Odísio, em frente à Capela do Socorro. Diferente do túmulo, a imagem transmitia sensação de presença, com traços realistas que consolavam os devotos. Para os romeiros, representava o “Padrinho” vivo; já jornalistas e intelectuais de outras regiões a viam como expressão de fanatismo popular. Embora boa parte da imprensa difundisse representações negativas sobre Cícero, Juazeiro e seus seguidores, o número de fiéis continuou a crescer após 1934.

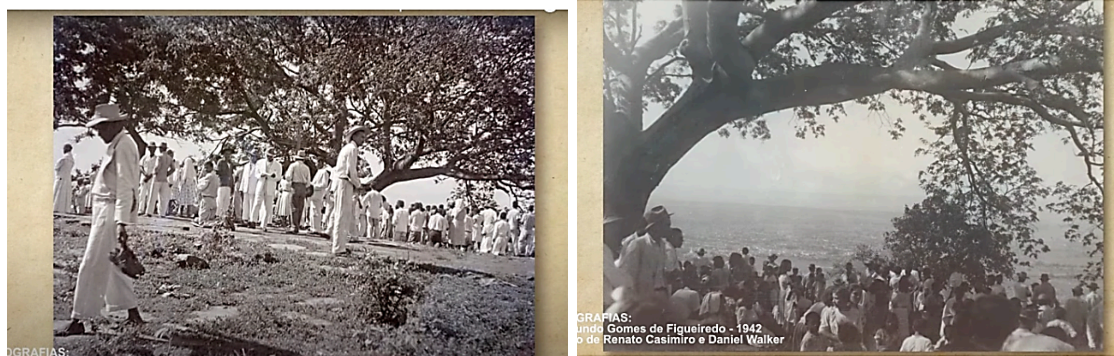
*Multidão carregando o caixão de Cícero, morto no dia 20 de julho de 1934*

FONTE: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker / Museu da UFCA (autoria desconhecida)

Inaugurada oficialmente em 1940 — embora possivelmente existente desde 1938 —, a escultura consagrava Padre Cícero como “santo patriarca fundador de Juazeiro”. As inscrições exaltavam sua memória e reforçavam sua relevância histórica e espiritual. A presença da obra consolidou Juazeiro como espaço de fé e identidade, transformando-se em símbolo duradouro da devoção popular. (DA SILVA, 2018). A escultura, em proporções naturais, consolidou-se como o principal foco de devoção popular ao Padre Cícero no período, atraindo multidões e diminuindo a importância do próprio túmulo. Localizada nas imediações do comércio, fora do espaço eclesiástico, a estátua oferecia aos fiéis a possibilidade de rezar, depositar flores e objetos votivos, na convicção de receber graças. Apesar da resistência da Igreja — que reprovava o culto por Padre Cícero não ter sido canonizado —, tal oposição apenas contribuiu para reforçar todos os carismas e simbolismos relacionados à sua figura. (DA SILVA, 2018).

Outro capítulo importante na construção histórica de Juazeiro do Norte como terra santa e que fora apresentado pelo dossiê de registro foi a edificação da Igreja do Horto, iniciada em 1890, após um “milagre da chuva” atribuído a Padre Cícero. Apesar das proibições de Dom Joaquim e da destruição parcial promovida pela ordem salesiana, a obra inacabada tornou-se um símbolo sagrado para os romeiros. A Serra do Catolé passou a ser identificada como Monte Calvário, Juazeiro como Nova Jerusalém, e o local como cenário de profecias sobre o fim dos tempos.

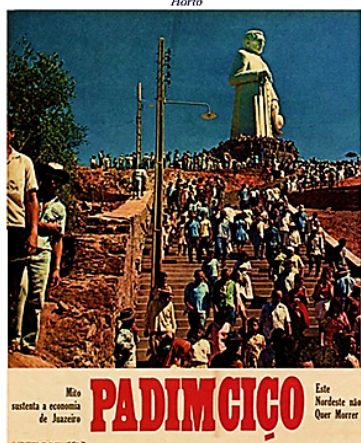
A construção do Horto implicou a derrubada de um pé de tambor (Timbaúba), árvore de reconhecido valor simbólico e afetivo para os romeiros. Além de suas funções ambientais — como oferecer sombra e repouso —, o local era considerado um espaço de experiência espiritual, onde os devotos afirmavam sentir a presença do Padre Cícero. Narrativas orais indicam que a árvore teria sido plantada pelo próprio sacerdote. A derrubada ocorreu no início da década de 1960, com o propósito de abrir espaço para a instalação de uma antena de televisão e, principalmente, para a construção da estátua do Padre Cícero (PINHO, 2023). A derrubada gerou muita revolta entre os romeiros. Durante um longo período, os romeiros que mantinham uma relação mais profunda e afetiva com a dimensão orgânica e mística da árvore não reconheciam na estátua o mesmo valor simbólico, tampouco a vinculavam à intercessão de seu Padrinho. O pé de tambor, por sua vez, consolidou-se como lugar de memória do Padim, permanecendo vivo por meio das narrativas transmitidas intergeracionalmente entre os romeiros.



GRAFIAS:  
 João Gomes do Figueiredo - 1942  
 e de Renato Casimiro e Daniel Walker

Mesmo após essa e outras intervenções, a Serra do Horto consolidou-se, ao longo do tempo, como o coração da “Nova Jerusalém” — um espaço sagrado que atrai romeiros e abriga rituais de penitência e devoção em constante transformação. Entre esses rituais, destacam-se a travessia pelas pedras purificadoras, o toque na estátua ou na mesa do Padre Cícero e a passagem pelo espaço entre seu corpo em gesso e o cajado — gesto interpretado como prova da aptidão para a salvação eterna. O monumento em homenagem ao Padre Cícero foi inaugurado em 1º de novembro de 1969, com ampla cobertura da imprensa e a presença de milhares de romeiros e autoridades. O processo de construção, por sua vez, constituiu um capítulo à parte: diversas filmagens e fotografias registram a complexidade e a grandiosidade dessa empreitada.

Centenas de romeiros em uma das incessantes visitas à estátua do Padre Cícero, no Horto



FONTE: Revista O Cruzeiro – RJ, 23/10/1974, p. 76 (BNDigital - hemeroteca)



Outro capítulo de particular relevância na constituição histórica dos espaços sagrados de Juazeiro do Norte — examinado de forma criteriosa pelo dossiê de registro — refere-se à edificação da Igreja do Horto. A origem desse empreendimento remonta a uma promessa formulada pelo Padre Cícero durante a grande seca de 1877, contando desde então com o apoio constante e devocional de seus seguidores. A associação simbólica entre a conclusão da igreja e a ideia escatológica do fim do mundo gerou tensões com a hierarquia eclesiástica, evidenciando o distanciamento entre a religiosidade popular e a ortodoxia católica institucional. Ainda assim, práticas de penitência e outras manifestações de fé popular continuaram a ser realizadas, configurando um campo religioso autônomo, sustentado pela crença na mediação espiritual do Padre. Ao longo do tempo, o imaginário em torno da Igreja do Horto, amplamente difundido por poetas populares, como João do Cristo Rei, desempenhou papel decisivo na consolidação de Juazeiro do Norte como espaço sagrado e profético. Por meio dos folhetos de cordel e da tradição oral, narrativas acerca das profecias atribuídas ao Padre Cícero — especialmente aquelas

relacionadas ao fim dos tempos — disseminaram-se pelo Nordeste, contribuindo para o fortalecimento da dimensão mítica e escatológica associada à cidade.

A construção da Capela do Socorro, um dos mais relevantes espaços devocionais de Juazeiro do Norte, esteve marcada por diversos conflitos entre a religiosidade popular e a hierarquia da Igreja Católica, fato que contribuiu para a intensificação das peregrinações a esse local. A edificação teve início em 1906, após a promessa de uma senhora pela recuperação da saúde de Padre Cícero. Apesar do apoio popular, a obra foi interdita pelo bispo do Ceará, Dom Joaquim, que desconfiava da natureza das práticas culturais que seriam realizadas no local, temendo que se afastassem do catolicismo romanizado. Por causa dessas divergências, a capela permaneceu sem bênção oficial, mas acabou se tornando um espaço de sepultamentos importantes: da mãe, da irmã e do próprio Padre Cícero. Nas primeiras décadas do século XX, a fama de Padre Cícero se espalhava pelos sertões, e a cada ano chegavam a Juazeiro ainda mais devotos. A maioria deles permanecia ali, radicando-se à terra e à fé que os atraía.

*A capela em sua forma original, antes da morte do padre, ocorrida em 1934*



**FONTE:** Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker / Museu da UFCA (autoria e data desconhecidas)

A Sedição de Juazeiro, ou Guerra de 1914, consolidou Juazeiro do Norte como centro religioso e político e firmou Padre Cícero como líder influente. A população local e romeiros resistiram à intervenção federal, derrubando o governador Franco Rabelo e restaurando a hegemonia da família Acioli. Vestígios do muro erguido pelos seguidores de Padre Cícero no Horto simbolizam a fusão entre fé e política. Apesar de críticas da Igreja e da imprensa, que o proibiram de celebrar sacramentos, Padre Cícero manteve contato com os fiéis por meio da “bênção da tarde” e incentivou romarias voltadas a Nossa Senhora das Dores, enquanto sua fama de milagres aumentava, consolidando sua influência na região.

*Vala escavada como barreira de defesa durante a Revolta de Juazeiro*

FONTE: Blog - Museu Virtual de Juazeiro do Norte (autoria e data desconhecidas)

Em 1930, o túmulo da beata Maria de Araújo, localizado na capela do Socorro, foi violado por ordem do vigário José Alves, sob a justificativa de uma suposta “purificação” do templo antes da bênção episcopal. O episódio figura entre os capítulos mais dolorosos e emblemáticos da tentativa de apagar da história os protagonistas do milagre da hóstia. Padre Cícero, indignado, registrou o fato em cartório e sustentou até o fim da vida a defesa da beata. Embora a Igreja tenha imposto o silêncio oficial sobre sua memória, os milagres a ela atribuídos mantiveram-se vivos na devoção popular: por décadas, romeiros e fiéis continuaram a reverenciá-la como santa e mártir.

*A beata Maria de Araújo*FONTE: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker - LACIM<sup>20</sup>/UFCA (autoria e data desconhecidas)

Em meio a tensões e conflitos, a estátua de Padre Cícero, inaugurada em 1925 na Praça Almirante Alexandrino, emergiu como um gesto político de Floro Bartolomeu, destinado a projetar Juazeiro como cidade moderna, em oposição à imagem de “atraso” e “fanatismo” que a imprensa e parte dos intelectuais da época insistiam em difundir. No entanto, o monumento jamais se firmou como espaço de devoção; os romeiros continuaram a venerar lugares consagrados pela experiência mística: a Serra do Horto, a Matriz das Dores, a residência do sacerdote e a Capela do Socorro. Esses episódios evidenciam, de maneira inequívoca, que a sacralização do espaço em Juazeiro nasce, sobretudo, da vivência beata e romeira, bem como da leitura mística que estas imprimem à vida coletiva — uma verdadeira hierofania. A tentativa de modernizar a praça encontrou resistências e, após a morte de Floro Bartolomeu, em 1926, e de Padre Cícero, em 1934, a cidade continuou a crescer, alheia aos discursos que a reduziam a território de fanatismo e atraso.

A morte de Padre Cícero, em 1934, marcou uma profunda transformação na devoção popular em Juazeiro. Até então, as romarias se concentravam em sua residência, mas, com seu falecimento, o túmulo na Capela do Socorro tornou-se o novo centro de peregrinação. Especialmente no Dia de Finados, fiéis de toda a região dirigiam-se à capela, buscando não apenas proximidade física, mas também uma mediação com a dimensão transcendente atribuída ao Padrinho. Para os devotos, sua morte não representava um fim, mas a passagem para outra morada:

“Olha lá no alto do Horto, ele tá vivo, padim não tá morto...”

Como já mencionado e detalhado no dossiê de registro, a Capela do Socorro, construída no início do século XX por iniciativa de Padre Cícero, consolidou-se como um dos mais importantes espaços de devoção popular de Juazeiro do Norte/Ceará. Apesar das tensões iniciais com a Igreja oficial, a capela passou a atrair multidões após a morte do sacerdote, em 1934, quando cerca de 60 mil pessoas teriam acompanhado seu funeral. O local tornou-se, então, um centro de orações, manifestações de fé e resistência, como evidenciado no episódio em que rumores sobre ataques comunistas mobilizaram romeiros para defendê-lo.

A simbologia de Padre Cícero foi reforçada pela estátua esculpida pelo italiano Agostinho Balmes Odísio, colocada diante da capela, que transmitia aos fiéis a sensação de sua presença viva. Em contraste, a estátua de bronze instalada na Praça Almirante Alexandrino (atual praça Padre Cícero) não se integrou ao roteiro sagrado, por remeter mais à estética dos heróis nacionais. Já a imagem de gesso erguida nos anos 1940, diante da Capela do Socorro, tornou-se foco de intensa veneração, associada a rituais de promessas e velórios, despertando experiências de profunda espiritualidade e devoção popular. (DA SILVA, 2018).

O dossiê destaca a informação que, mesmo após a morte do Padre Cícero, em 1934, não se fala em 'fim', mas em 'mudança de morada'. Ele está vivo, ele não está morto. Esse imaginário é alimentado pela literatura de cordel e pelas memórias que relatam sua presença espiritual, seja por meio de milagres, seja por conselhos chegados aos fiéis por intermédio de uma comunicação extra física. Nessa perspectiva, a linearidade da História é redefinida a partir de uma compreensão *sui generis* do tempo e do espaço, na qual a experiência da peregrinação possibilita um encontro particular com o Padre Cícero. Muitos relatos também o apresentam como uma das três pessoas da santíssima Trindade.

Nos últimos anos de vida, debilitado e quase cego, Padre Cícero manteve uma intensa relação tanto com romeiros quanto com autoridades legais. Como já exposto aqui, ao falecer, em 20 de julho de 1934, seu funeral atraiu multidões, contrariando as expectativas de que sua morte pudesse enfraquecer a devoção popular. Pelo contrário, o local de seu sepultamento transformou-se em um espaço sagrado, impulsionando romarias cada vez maiores. Até hoje, no dia 20 de julho, é possível ver homens e mulheres vestidos de preto pelas ruas de Juazeiro, mantendo o luto pela morte do Padre Cícero.

Um dado importante trazido pela historiografia sobre o tema é a expressiva quantidade de homens e mulheres negras que, em contato com aquele território e com o Padre Cícero, construíram espaços de (re)significação identitária e social. As descrições desses sujeitos, feitas por muitos intelectuais do litoral, atravessam a constituição de determinado “lêxico da fealdade”, o qual reforçava representações pejorativas e evidenciava o lugar ainda muito presente do racismo pós-abolição. Entre essas descrições, encontram-se bandidos, assassinos,

desordeiros, bestas e grotescos, evidenciando o perigo que esses homens representavam para um Estado que buscava se modernizar a partir de então. (AGAPTO, 2021).

Em contrapartida, afastando-se de uma lógica disciplinadora de corpos e espíritos — que via aquele fenômeno apenas como uma manifestação de histeria coletiva —, estava o encontro entre Padre Cícero e pessoas provenientes de todas as regiões do Nordeste. Chegavam a pé, a cavalo ou de carroça, mas já carregando a crença, de que “no caminho de Juazeiro ninguém nunca se perdeu”. Vítimas de secas, como a de 1977, esses homens e mulheres encontravam em Juazeiro — e, mais amplamente, na Chapada do Araripe — um lugar de refúgio, resistência, esperança e transcendência. O encontro com Padre Cícero lhes oferecia uma experiência inédita de liberdade, autonomia e protagonismo, razão pela qual permaneciam e retornavam sempre. Na primeira metade do século XX, o fluxo de peregrinos para Juazeiro do Norte só aumentava, e a cidade crescia como polo econômico, especialmente ligado ao artesanato religioso e utilitário. A pregação de Padre Cícero — “trabalhar de dia e rezar à noite” — fazia todo sentido para aqueles homens e mulheres que haviam abandonado a vida na pobreza de suas terras e acreditavam na prosperidade, tanto espiritual quanto material, de sua nova morada. (ALMEIDA & HOLANDA, 2021).

Nas décadas de 1960 e 1970, enquanto a Igreja latino-americana defendia a opção preferencial pelos pobres, a figura de Padre Cícero e o fenômeno social que o cercava passaram por uma nova avaliação. Nesse contexto, alguns setores da Igreja passaram a reconhecer e valorizar a religiosidade popular, acolhendo as romarias como expressão legítima de fé. O traçado de lugares sagrados e a construção de um roteiro em torno deles tornaram-se mais claros e consolidados. Novos agentes e acontecimentos transformaram a relação entre as romarias de Juazeiro do Norte e a postura oficial da Igreja, ao mesmo tempo em que reorganizaram os espaços sagrados da cidade. Entre os protagonistas desse processo, destacam-se as religiosas Irmã Annette Dumoulin e Irmã Ana Teresa Guimarães, assim como o Padre Murilo de Sá Barreto. Neste estudo, focamos em detalhar a trajetória das Irmãs Annette e Ana Teresa e do Padre Murilo.

Belga e integrante da Congregação de Nossa Senhora (Cônegas de Santo Agostinho), Irmã Annette chegou ao Brasil em 1973 por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), mantendo vínculo com Dom Hélder Câmara. Inspirada por uma romeira do Padre Cícero que residia em Recife, teve o primeiro contato com Juazeiro do Norte. Irmã Ana Teresa nasceu em São Paulo dedicou-se a Juazeiro do Norte. Irmã Ana Teresa nasceu em São Paulo e também teve contato com Padre Cícero através dos relatos da romeira recifense. Durante cerca de quatro décadas, ambas criaram centros de acolhimento, o Centro de Psicologia da Religião e apoiaram a Associação dos Artesãos. Fundaram e mantiveram escolas comunitárias, como O Semeador (bairro Aeroporto) e Poço de Jacó (Caminho do Horto), além de promoverem círculos bíblicos e colaborarem com pesquisas sobre a história do Padre Cícero. Suas ações integravam acolhimento espiritual e promoção social, fortalecendo a dimensão comunitária das romarias. Padre Murilo, nascido em 1943 em Barbalha, foi pároco de Juazeiro do Norte entre 1966 e 2014, recebendo o título de monsenhor em 2023. Reconhecido pelo afeto aos romeiros e pela defesa da reabilitação do Padre Cícero, incentivou práticas espirituais como a Missa da Despedida dos Romeiros e a Procissão dos ônibus e caminhões, aproximando romeiros e comunidade local.

Juntos, os três religiosos apontados se tornaram símbolos do legado carismático de Cícero. Neste sentido, a atuação das religiosas e do Padre Murilo pode ser analisada em duas dimensões:

o acolhimento oferecido aos romeiros pela hierarquia católica e a abertura para o diálogo com a estrutura eclesial. Essa ação, marcada por grande sensibilidade e cuidado, também desempenhou papel fundamental na consolidação de um calendário religioso em Juazeiro do Norte e na configuração de uma verdadeira cartografia dos espaços de penitência coletiva nesta cidade.

A partir dos anos 2000, avanços significativos favoreceram a “reconciliação” de Padre Cícero com a Igreja Católica. Nesse processo, a atuação conjunta desses atores contribuiu tanto para a dimensão doutrinária quanto para a produção de memória sobre a experiência romeira em Juazeiro do Norte, articulando tradição religiosa, acolhimento comunitário e práticas sociais. Neste contexto, em 2001, o bispo do Crato, Dom Fernando Panico, iniciou estudos e mobilizou milhares de assinaturas em favor da reabilitação de Padre Cícero, as quais foram encaminhadas ao Vaticano em 2006. Em 2015, a Igreja Católica reconheceu oficialmente sua reconciliação e, em 2022, autorizou a abertura do processo de beatificação. Atualmente, Padre Cícero é venerado como Servo de Deus, o primeiro passo rumo à sua possível canonização.

No entanto, na devoção popular, Padre Cícero é considerado santo: “o santo que fica do lado do sol” nos sertões cearenses. Do ponto de vista laico, recebeu reconhecimentos importantes: em 2001, foi eleito “O Cearense do Século” e, em 2012, figurou entre os “100 Maiores Brasileiros de Todos os Tempos”. Um dado importante também sobre a representatividade das peregrinações contemporâneas ao seu redor é que em 2023, a Lei nº 14.641 reconheceu como “manifestação cultural nacional” o transporte de passageiros em compartimentos de carga — o chamado “pau de arara” — usado nas romarias religiosas. Mais do que um meio de viagem, essa prática simboliza a resistência do povo em caminhar até Juazeiro do Norte. O caminho é parte da penitência: ao longo da jornada, os romeiros entram em contato com o divino, com o Padim e consigo mesmos, transformando cada quilômetro em memória coletiva.

Compreendemos que todas as camadas históricas apresentadas no dossiê de registro e brevemente analisadas em nosso parecer técnico contribuíram para a formação de um calendário religioso que, hoje, já se constitui um patrimônio coletivo do Nordeste. As datas das romarias e o itinerário romeiro que se deriva foram se fortalecendo à medida que determinados acontecimentos históricos passaram a ser também vivenciados como acontecimentos espirituais. A partir desse momento, o tempo deixa de ser linear, tornando-se tempo da experiência do sagrado.

Entre os milagres da hóstia e a aproximação da Igreja Católica oficial, destacou-se o papel silencioso, porém potente, de homens e mulheres que se chamavam afilhados do Padre Cícero. A maioria eram beatos leigos, que erguiam pequenas capelas e cruzeiros ao longo das estradas do Horto ao Santo Sepulcro e mantinham ritos domésticos heterodoxos. Essas práticas preservavam a memória de Cícero Romão Batista e de outros religiosos que ofereciam aos sertanejos uma presença tangível da Igreja em suas vidas. Foi por meio dessas experiências e narrativas que os lugares sagrados se mantiveram vivos, reorganizando-se e incorporando espaços oficialmente consagrados e protegidos pela Igreja.

A cidade recebe peregrinos diariamente, mas é possível identificar o calendário das principais celebrações: Romaria dos Santos Reis (6/jan.), Romaria de São Sebastião (20/jan), Romaria das Candeias (2/fev), Romaria do Padre Cícero (24/mar, nascimento; 20/jul, falecimento), Romaria de Nossa Senhora das Dores (15/set), Romaria de São Francisco (4/out) e Romaria de

Finados (2/nov). O pico de romeiros ocorre entre setembro e fevereiro, período das principais celebrações: Nossa Senhora das Dores (set), Finados (nov) e Candeias (fev).

De modo geral e como já exposto aqui, é possível afirmar que o movimento de romarias a Juazeiro teve início em 1889, após o chamado “milagre da hóstia”. Logo após, é possível pensar em “movimentos romeiros” que vão adquirindo sua própria dinamicidade e caracterização. Tendo em vista as informações presentes no dossiê de registro, é possível pensar também em três grandes fases marcaram esse processo: Primeiras romarias – motivadas pela curiosidade e pelo desejo de presenciar o milagre; Consolidação – caracterizada pela crescente participação de pobres e beatos, que criaram símbolos e práticas religiosas próprias; Fixação – quando famílias inteiras passaram a se instalar em Juazeiro, em busca de fé, proteção e melhores condições de vida. (DOSSIÊ, 2025).

Ao longo do tempo, os romeiros passaram a chegar a Juazeiro por diferentes meios, inicialmente a pé ou a cavalo, depois em caminhões e, mais tarde, em ônibus. Hoje muitos chegam de avião. Esse fluxo resultou em intensas romarias, que reforçaram o caráter religioso da cidade e impulsionaram sua economia, baseada na produção artesanal e no comércio de artigos religiosos. Desde o século XIX, os romeiros resistiram às autoridades eclesiásticas, consolidando Juazeiro como centro religioso nacional. Os conflitos em torno da Igreja, dos fiéis e do “milagre da hóstia” transformaram o espaço urbano, sacralizando-o, mas também gerando estigmas. Para a maior parte dos romeiros, vir a Juazeiro é uma experiência que atravessa três gerações consecutivas, demonstrando profundidade e continuidade histórica evidentes. Mais do que uma experiência geracional, a romaria é também um momento que fortalece os laços comunitários. Os participantes chegam em grupos — da paróquia, do bairro ou do seu “interior” — e compartilham a caminhada com familiares e amigos de longa data.

A história da cidade está vinculada à resistência dos devotos de Padre Cícero, que, mesmo pertencentes às camadas populares, desafiaram o poder institucional da Igreja e abriram caminhos econômicos, políticos e religiosos. Os Lugares Sagrados de Juazeiro, portanto, expressam a força do catolicismo popular, sustentado na fé nos milagres de 1889 e na figura de Padre Cícero, apesar das tentativas de apagamento promovidas pelo Estado e pela Igreja oficial.

### **3.3 O PADIM CIÇO E SEUS LUGARES SAGRADOS EM OUTRAS LINGUAGENS PATRIMONIAIS:**

Embora não seja um aspecto diretamente abordado no dossiê de registro, é pertinente destacar, em razão do valor histórico e simbólico do bem, que os espaços sagrados de Juazeiro tornaram-se referências centrais na formação de diversas linguagens patrimoniais, reconhecidas ao longo do tempo em todo o país. Entre essas expressões, destaca-se a ampla produção de folhetos de Literatura de Cordel, que por décadas retrataram a vida religiosa e política do Padre Cícero. Nesse panorama, a trajetória da Tipografia São Francisco — atual Lira Nordestina — conecta-se à de inúmeros empreendimentos inspirados pelo sacerdote e associados às tradições históricas e místicas profundamente enraizadas na região. Foi nesse contexto que, em 1932, o romeiro paraibano José Bernardo da Silva chegou a Juazeiro do Norte e fundou sua tipografia, incentivado pelos conselhos do religioso.

Na década de 1950, a tipografia tornou-se a principal editora de literatura de cordel no Brasil, especialmente após adquirir os direitos de João Martins de Athayde e Leandro Gomes de

Barros. Seu proprietário modernizou a infraestrutura, permitindo a impressão de cerca de 10 mil exemplares por dia e consolidando o cordel em âmbito nacional. A circulação estava ligada às romarias de Juazeiro do Norte, onde o cordel circulava como literatura e mercadoria cultural. A tipografia também consolidou a estética do gênero, difundindo o uso de xilogravuras nas capas. Em 1980, por sugestão do poeta Patativa do Assaré, a instituição passou a se chamar Lira Nordestina. Ao longo de sua história, foi impresso um número inestimável de cordéis que abordam a trajetória do Padre Cícero e as experiências místicas de Juazeiro do Norte. No contexto dos cordéis que abordam a figura do Padre Cícero, destacamos aqui: João Martins de Athayde, com *A lamentável morte do Padre Cícero Romão Batista* (1934) e *A vida e novos sermões do Padre Cícero* (1950); João de Cristo Rei, que escreveu *História da Guerra de Juazeiro em 1914, os verdadeiros milagres do Pe. Cícero Romão* e *A Profecia Misteriosa sobre os três dias de escuro*; e Manoel Caboclo, autor de *O milagre do Padre Cícero em Roma*.

Seguindo a linha das representações do Padre Cícero nas linguagens patrimoniais, destacam-se as cantorias de personagens célebres e anônimos, presentes nas feiras e mercados do Nordeste. Outro destaque cultural foi o romeiro pernambucano Mestre Noza (Inocência da Costa, Taquaritinga do Norte, PE, 1897–1983), que percorreu a pé o caminho até Juazeiro do Norte, onde se tornou notável xilógrafo e escultor. Sua convivência com o Padre Cícero o motivou a fixar residência na cidade e deixou marcas profundas em sua produção, fortemente ligada à religiosidade popular. Mestre Noza tornou-se amplamente reconhecido pelas esculturas em madeira do Padre Cícero, cujo estilo singular influenciou numerosos artesãos e atraiu o interesse de colecionadores.

A efervescência de tantas linguagens patrimoniais em Juazeiro do Norte encontra explicação na estreita relação entre suas dimensões religiosa e comercial, que marcou o desenvolvimento da cidade. A máxima “em cada sala um oratório e em cada quintal uma oficina” traduz com precisão a forma como o espaço urbano se estruturou e se expandiu. Sob esse princípio, milhares de romeiros passaram a peregrinar para a região e, em muitos casos, ali permaneceram em busca de sustento. Ao fazê-lo, integraram suas vivências com o sagrado — intrínsecas ao lugar — às oportunidades de produzir práticas comerciais relevantes e expressões imagético-culturais singulares, que até hoje definem a identidade da cidade. Neste contexto, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, manifestada nas renovações anuais, integrou-se de maneira constitutiva à memória coletiva das famílias locais. No âmbito econômico, o núcleo de produção de artesanato religioso e utilitário tornou-se tão relevante que atraiu a atenção de intelectuais, folcloristas e representantes do poder público, interessados em compreender o expressivo número de oficinas domésticas existentes na cidade. A dinâmica urbana de Juazeiro do Norte foi, assim, moldada tanto pelos eventos religiosos quanto pela proliferação de núcleos industriais destinados a abastecer os períodos de romaria e o comércio cotidiano. Essa combinação consolidou uma tradição mercantil profundamente enraizada, expressa na máxima popular local: “No Juazeiro tem”.

Nesse contexto, há relatos sobre os conselhos do Padre Cícero Romão Batista, especialmente no incentivo ao trabalho aliado à fé. Um desses episódios está relacionado à romaria de Nossa Senhora das Candeias, realizada em fevereiro, em Juazeiro do Norte. Um artesão local, com dificuldades para vender candeieiros, procurou o Padre Cícero e recebeu a orientação de aumentar a produção, apesar do cenário desfavorável. Mesmo surpreso, seguiu o

conselho. Paralelamente, Padre Cícero iniciou uma campanha incentivando o uso de candeeiros durante o dia, como parte das celebrações da romaria. Recomendou aos fiéis que adquirissem as luminárias para a procissão, indicando o artesão como fornecedor. Com isso, toda a produção foi vendida, evidenciando a força da articulação entre fé, trabalho e comunidade.

“(…) Olha lá no alto do Horto, ele tá vivo, Padim não tá morto... (…) Em setembro e novembro, vou ao Juazeiro, alegre e cantando na frente, sou mais um romeiro. Vou ver meu padrinho, de bucho cheio ou barriga vazia (...)”. O pernambucano Luiz Gonzaga, nascido em Exu a aproximadamente 77 quilômetros de Juazeiro do Norte/Ceará, dedicou parte significativa de sua produção musical à homenagem de Padre Cícero Romão Batista e à cidade por ele fundada. Em versos como “Ô Maria, pegue o jegue, bota a canga e é ligeiro, bota os trens nos caçua e vamo pru Juazeiro... De Crato à Maceió, é romeiro só (...)”, Gonzaga evidencia a força simbólica das romarias e da devoção popular em torno da figura do “Padim Ciço”. Canções como “Viva Meu Padim” e “Juazeiro” não apenas acompanham as peregrinações à cidade, mas também evocam as memórias e afetos daqueles que, afastados geograficamente, mantêm vivos os laços espirituais com os espaços sagrados associados a Padre Cícero. Devoto confesso, Luiz Gonzaga manifestou o desejo de que seu corpo fosse levado a Juazeiro do Norte, onde foi velado na Capela do Socorro antes de ser trasladado para sua terra natal Exu (PE). O gesto de Gonzaga representa, em última instância, a continuidade de uma devoção que ultrapassa a vida terrena, estabelecendo um elo espiritual com o local onde repousam os restos de Padre Cícero e da Beata maria de Araújo. Essa escolha é altamente simbólicos reafirma o caráter sagrado de Juazeiro do Norte como terra de fé e peregrinação.

Todos os itinerários narrativos aqui identificados evidenciam não apenas a dinamicidade com que as linguagens patrimoniais se manifestam — em especial na forma como os lugares sagrados de Juazeiro engendram narrativas e representações de notável complexidade simbólica —, mas também contribuem para a reflexão acerca das possibilidades de implementação de ações voltadas à salvaguarda do bem cultural em questão.

### **3.4 Caracterização contemporânea do bem: seus espaços e suas espacialidades sagradas:**

Ao explicitar algumas das camadas históricas que moldaram a formação desses espaços sacros, surgem questionamentos sobre como esses lugares se conectam, na contemporaneidade, com as práticas de vivência e de sacralização. Nesse contexto, como se evidencia a partir das informações fornecidas pelo dossiê de registro em análise, percebe-se que a experiência do devoto romeiro em Juazeiro possui contornos singulares, assim como a do sujeito nativo, cada qual marcada por sua própria temporalidade e sensibilidade.

Apesar da abundância de estudos sobre a temática, uma questão permanece latente: o que leva os romeiros a retornar incessantemente a este território, sentindo, a cada visita, que estão simultaneamente no mesmo lugar e em um espaço novo, inaugural? Quais experiências são únicas, impossíveis de serem reproduzidas em outro contexto, e quais, mesmo repetidas, permanecem inéditas e surpreendentes a cada jornada? O trabalho etnográfico, transformado pelo dossiê de registro em caderno de campo, oferece uma perspectiva renovada sobre o bem em foco: sua exposição e exuberância emergem da experiência vivida, do caminhar, da peregrinação, do ritmo cotidiano dos rituais e da imersão sensível no território sagrado. É na conjunção do

caminhar e do ver, do tocar e do sentir, que se revela a singularidade desses espaços — simultaneamente fixos e efêmeros, conhecidos e sempre novos.

Sendo assim, os valores patrimoniais dos espaços sagrados de Juazeiro manifestam-se em sua capacidade de articular diferentes temporalidades, territorialidades e formas de sacralidade, configurando-se como marcos de referência simbólica e cultural. A diversidade das procedências dos indivíduos que ali transitam — vindos, ano após ano, de estados como Alagoas, Sergipe, Piauí, Pernambuco e Bahia — evidencia uma dinâmica intensa de circulação e intercâmbio cultural-religioso.

Dessa mobilidade resulta, anualmente, um fluxo recíproco de práticas e significados: os romeiros transportam repertórios culturais oriundos de suas comunidades de origem e, simultaneamente, difundem em seus locais de procedência símbolos e rituais experienciados em Juazeiro — apropriados tanto por meio do contato com os habitantes locais quanto pela interação com romeiros provenientes de outras regiões. Esse processo contribui para a constante reconfiguração do município como território sagrado. Nesse sentido, os lugares de devoção ultrapassam os limites administrativos de Juazeiro do Norte, projetando-se simbolicamente nas localidades de onde partem ou que são visitadas pelos fiéis em sua trajetória. Assim, consolidam-se como pontos de conexão de um território religioso que se constitui, ao mesmo tempo, como local e translocal.

Um dos fundamentos desta candidatura é o reconhecimento de que os locais de devoção ao Padre Cícero apresentam dinâmicas singulares, mas inter-relacionadas em uma perspectiva de complementaridade. Entre esses espaços, estão os vinculados diretamente à ação da Igreja Católica — fruto da ação de ordens religiosas, como salesianos e franciscanos, e da Diocese do Crato — e aqueles que se consagram, ao longo do tempo, pela ação da fé popular e através do fenômeno social das romarias. Distintas, mas complementares, essas formas de sacralização revelam a riqueza religiosa e cultural da cidade.

Entre os diversos espaços construídos pela Igreja Católica ou incorporados ao longo do tempo à sua dinâmica doutrinária e administrativa, destacam-se a Igreja Matriz e a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, a Capela de Nossa Senhora do Socorro e o Santuário dos Franciscanos. Embora tenham sido construídos com configurações muito particulares, esses espaços, ao longo do tempo, se estabeleceram como instrumentos de controle e disciplinarização doutrinária. Entre os espaços que congregam administração religiosa e leiga, o dossiê de registro destaca também o Museu Casa Padre Cícero, situado na Rua São José, onde se preservam memórias importantes da História deste religioso, enquanto a Estátua do Padre Cícero se impõe como marco simbólico reconhecido internacionalmente. Também se destaca o histórico Casarão do Horto (Museu Vivo do Padre Cícero) e os caminhos entre o Horto e o Santo Sepulcro, acompanhado de suas capelinhas na beira da estrada. Lembramos que esses dois últimos espaços são administrados pela Ordem Salesiana, principal herdeira dos bens materiais deixados por Cícero.

O trabalho de campo, descrito no dossiê de registro como fundamental para a candidatura, consistiu na realização de aproximadamente 22 entrevistas com sujeitos vinculados aos lugares sagrados de Juazeiro do Norte. O material empírico obtido evidencia tanto a importância da tradição oral quanto a diversidade de perspectivas que estruturam a memória coletiva e a vivência religiosa nessas territorialidades. Nesse sentido, o conjunto das entrevistas configura-se como

elemento fundamental na argumentação que sustenta a inscrição do referido bem cultural. Entre a pluralidade de narrativas, destacam-se aquelas que, em nossa avaliação, proporcionam maior clareza para a compreensão aprofundada e ampla da experiência romeira.

Nesse contexto, é relevante salientar que as entrevistas com romeiros e devotos não foram conduzidas de forma individual. Observou-se uma constante interação entre os depoentes e seus familiares, que frequentemente interferiram nas narrativas. Tal aspecto não foi considerado problemático pelos pesquisadores; ao contrário, sempre que possível, a interação era incentivada, pautada na compreensão de que ela contribuía para o enriquecimento das narrativas. Um aspecto a ser considerado é que o perfil dos entrevistados seguiu a cartografia dos lugares sagrados de Juazeiro do Norte, assim como a complexidade de relações envolvidas de relação sócio-religiosas vivenciadas nesse espaço.

Romeiros de todas as idades oriundos da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, bem como moradores e administradores do Horto, representantes do poder público municipal, membros da Igreja Católica e administradores dos espaços religiosos, compõem o conjunto de sujeitos que atravessaram os territórios sagrados de Juazeiro através de suas narrativas. Seus relatos permitem um mergulho no universo místico das promessas, dos milagres/grças e das expressões mais intensas de fé — tanto na experiência daqueles que visitam o local pela primeira vez quanto na devoção cultivada ao longo de décadas.

As narrativas também abordam temáticas complexas, como o turismo religioso e os conflitos relacionados à administração de determinados espaços, nos quais estão envolvidas duas ordens religiosas (salesianos e franciscanos) e a diocese. Ademais, os usos contemporâneos desses territórios, especialmente aqueles de caráter profano, foram igualmente contemplados no roteiro de questionamentos elaborado para a pesquisa que deu subsídio à construção do dossiê. À luz das informações contidas no dossiê de registro, apresenta-se a seguir uma análise contemporânea dos espaços que constituem o conjunto de lugares sagrados de Juazeiro do Norte, objeto do presente registro. A abordagem proposta enfatiza, de maneira prioritária, a forma como tais espaços são ocupados, vivenciados e apropriados pelos sujeitos que os frequentam, considerando as dimensões sociais, culturais e simbólicas que lhes conferem significado no contexto atual.

A seguir, apresenta-se uma breve descrição dos lugares sagrados de Juazeiro, conforme o dossiê de registro:

Basílica de Nossa Senhora das Dores - A Basílica de Nossa Senhora das Dores constitui o primeiro templo católico de Juazeiro do Norte, integrando o núcleo urbano original da cidade. Considerada um marco central das romarias contemporâneas, a edificação desempenha papel fundamental na configuração religiosas e cultural do município. Sua origem remonta a uma capela erguida em **1827** e posteriormente reformada em 1872. O local tornou-se cenário dos denominados milagres da hóstia e das missas celebradas por Padre Cícero Romão Batista, fatos que contribuíram significativamente para o fortalecimento de sua relevância histórica e simbólica no imaginário popular nordestino. Situada no centro da cidade — a qual se desenvolveu ao seu redor —, a Basílica abriga a Praça dos Romeiros, um espaço de aproximadamente 20 mil metros quadrados, destinado à realização de missas campais, procissões e rituais de forte expressão devocional, como a Procissão dos Carros e a Missa do Chapéu.

*Tradicional procissão de velas em sua chegada à Basílica depois de partir da Capela do Socorro*



FONTE: foto de Patrícia Silva

*Missa do Chapéu – 2002*



FONTE: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker / Museu da UFCA (autoria desconhecida)

O dossiê de registro apresenta informações arquitetônicas de grande relevância. Sua fachada eclética, destacada pela torre, pelo relógio e pela imagem da padroeira, Nossa senhora das Dores, contrasta com o interior ricamente ornamentado por vitrais, com capacidade para acolher cerca de 500 pessoas — número que se amplia significativamente durante as romarias. Atualmente reconhecida como santuário e basílica menor, a edificação mantém-se como o principal referencial religioso e cultural da cidade, configurando-se como o ponto de encontro dos romeiros que chegam a Juazeiro. Nesse contexto, observa-se com frequência que os fiéis alternam a participação nas celebrações litúrgicas com a aquisição de terços, imagens sacras, utensílios domésticos e uma ampla variedade de outros objetos que integram o universo material das romarias. Dessa mobilidade resulta, anualmente, um fluxo recíproco de práticas e significados: os romeiros transportam repertórios culturais oriundos de suas comunidades de origem e, simultaneamente, difundem em seus locais de procedência símbolos e rituais experienciados em Juazeiro — apropriados tanto por meio do contato com os habitantes locais quanto pela interação com romeiros provenientes de outras regiões.

No que se refere à relevância histórica e religiosa da Basílica, o dossiê de registro apresenta o depoimento do padre Cícero José da Silva (51 anos, natural de Brejo Santo/CE), atual reitor do templo. Em entrevista concedida em 15 de abril de 2024, o religioso destaca que a

Basílica é reconhecida, tanto pelos habitantes locais quanto — sobretudo — pelos romeiros, como a “Casa da Mãe das Dores”, espaço de acolhida, vivência espiritual e aprendizado. Ressalta, ainda, que o templo constitui um dos principais pontos de encontro dos romeiros recém-chegados a Juazeiro, sendo considerado por muitos o marco de sua peregrinação: primeiramente, dirigem-se à Matriz e, em seguida, deslocam-se para outros locais de devoção.

*Caminhão “pau-de-arara” com ornamentos festivos para o rito religioso – 2012*



FONTE: foto de Paulo Leonardo Celestino

O pároco destaca que a basílica representa a continuidade da missão de Padre Cícero Romão, configurando-se como espaço de memória e devoção para os romeiros. Informa que o templo passou por reformas, incluindo a ampliação da igreja e da capela do Santíssimo, além de ajustes nas imagens sagradas. Outras melhorias de infraestrutura também foram realizadas. No âmbito espiritual e litúrgico, houve adaptações nas celebrações para acolher o grande número de romeiros. Entre elas, destaca-se a “Missa do Chapéu”, um dos momentos mais simbólicos da tradição local, na qual a Ave Maria sertaneja ecoa como expressão de despedida e de fé renovada. Em relação à interação entre a Igreja e o poder público, o pároco ressalta a existência de um diálogo consistente, sobretudo por meio da Comissão de Romarias. É através dessa comissão que se busca resolver alguns conflitos.

Algumas quadras de distância, encontramos a Capela do Socorro. Como já exposto aqui, a Capela do Perpétuo Socorro, em Juazeiro do Norte, foi construída em 1906 por promessa de Hermínia Gouveia, em favor da saúde do Padre Cícero. Mesmo sem autorização eclesiástica, tornou-se centro de devoção, abrigando os túmulos de sua mãe, irmã, da beata Maria de Araújo e do próprio Padre Cícero. Ao longo do tempo, as práticas religiosas no espaço se intensificaram, sobretudo durante as romarias de julho (aniversário de morte de Cícero) e de novembro (Finados), quando romeiros pagam promessas e buscam bênçãos para objetos adquiridos na cidade.

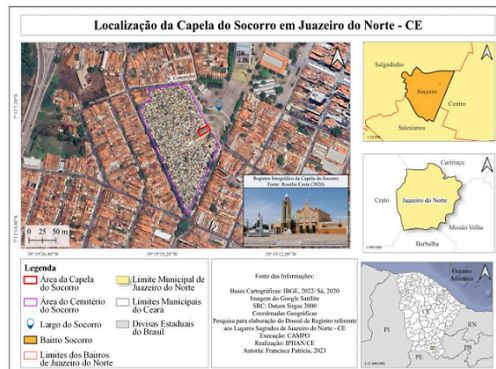
A Capela em questão configura-se como um dos espaços de maior intensidade da experiência espiritual e mística associada à figura do Padre Cícero. Em suas adjacências encontram-se o Cemitério do Socorro e a Casa dos Milagres, ambos caracterizados pela concentração de orações, ex-votos e manifestações de agradecimento. O Largo do Socorro,

submetido a processo de reforma em 2004, passou a dispor de uma torre com relógio e de barracas destinadas ao comércio de artigos religiosos, embora ainda apresente deficiências em termos de infraestrutura. Nesse espaço realizam-se celebrações de relevo, além de ter constituído, em períodos anteriores, um local de aconselhamento espiritual conduzido por beatos em estado de transe.

Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - 2020



FONTE: foto de Rozélia Costa



O cemitério anexo destaca-se como espaço de devoção em razão da proximidade com o túmulo do Padre Cícero e com o jazigo da beata Maria de Araújo, lembrada por placas e por um vitral na capela. Desde 1934, no dia 20 de cada mês, celebra-se uma missa campal que reúne milhares de fiéis, muitos vestidos de preto em cumprimento a promessas. Mesmo em períodos de menor presença de romeiros, a capela permanece frequentada por moradores locais que preservam esse costume, estendido também à prática doméstica de “guardar o preto”. Atualmente, a cerimônia ocorre com acompanhamento oficial da Igreja, no contexto do processo de beatificação do Padre Cícero, reforçando a centralidade da Capela do Socorro no itinerário da fé em Juazeiro do Norte.

A Casa dos Milagres Padre Cícero, localizada no Largo do Socorro e sob administração leiga, foi instituída em 1938 pelo romeiro paraibano João Monteiro, com a finalidade de reunir os ex-votos ofertados pelos fiéis em agradecimento às graças alcançadas. O espaço era igualmente utilizado pelos romeiros como local de repouso, onde, à sombra, armavam suas redes após as longas jornadas de viagem. Em virtude da ausência de reconhecimento oficial, esses objetos — frequentemente rejeitados no interior das igrejas e, em um primeiro momento, depositados aos pés de uma árvore nas proximidades da Igreja do Socorro — encontraram nesse local um espaço de acolhimento permanente, que, ao longo do tempo, consolidou-se como um importante santuário da devoção popular.

Fachada da Casa dos Milagres Padre Cícero – 2024

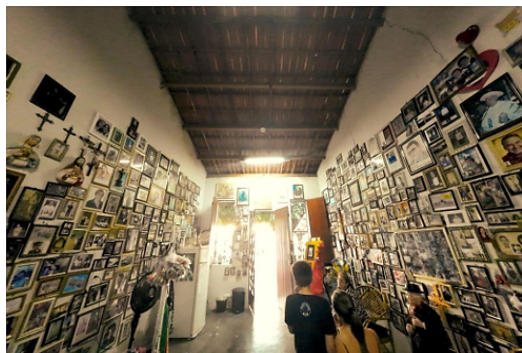


FONTE: foto de Alisson Flor



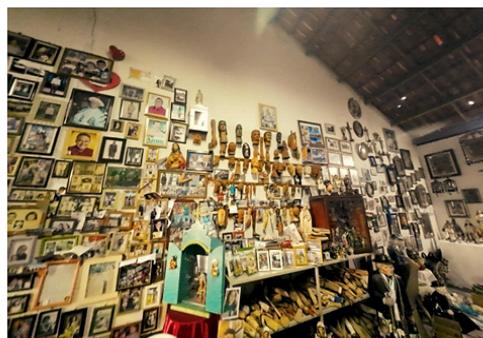
Em 2013, um incêndio destruiu grande parte do acervo da Casa dos Milagres, cerca de 5 mil peças. As fotografias e imagens do local anteriores ao incêndio impressionam pela complexidade dos objetos ali depositados: bonecas de pano, braços, pernas e pés de pano, partes de corpos de madeira, fotografias de políticos locais que haviam sido eleitos, imagens de pessoas comuns que haviam comprado carro, casado ou realizado viagens importantes. A Casa dos Milagres, como o próprio nome indica, era o local escolhido para as pessoas depositarem seus agradecimentos. Hoje, o espaço reúne objetos religiosos, testemunhos de graças atribuídas a Padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores, além de um poço considerado milagroso. Reaberta após o incêndio, continua sendo ponto de pagamento de promessas e, embora tenha sido tombada provisoriamente em 2019, depende do apoio dos devotos para se manter.

A entrada da casa vista de dentro – 2024



FONTE: foto de Alisson Flor

Interior da Casa dos Milagres – 2024



FONTE: foto de Alisson Flor

Há uma exuberância compositiva bastante evidente na articulação espacial entre a Capela do Socorro, o Nicho do Padre Cícero, o cruzeiro frontal e o Cemitério do Socorro. Nesse complexo, encontra-se também o Memorial Padre Cícero:

Situado no largo do Socorro, próximo à Casa dos Milagres e à Capela do Socorro, o Memorial Padre Cícero integra o conjunto religioso e histórico existente nesse espaço. Embora não figure entre os chamados Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte, destaca-se pela produção de narrativas dedicadas à memória do Padre Cícero e da própria cidade, além do expressivo fluxo de romeiros que o visitam regularmente. Inaugurado em 1989. Inaugurado em 1989 pela Fundação Juazeiro

do Norte, passou, em 1993, à administração da Fundação Memorial Padre Cícero (FMPC), responsável por sua conservação e funcionamento até os dias atuais (ALMEIDA & HOLANDA, 2018, p. 47).

Seu acervo reúne objetos, testamentos, louças, indumentárias, mobiliário, fotografias e obras de arte que documentam a trajetória religiosa e política do Padre Cícero Romão Batista. Entre os itens expostos, destaca-se o denominado “paninho” com o sangue do milagre da hóstia, considerado um dos principais símbolos de visitação e veneração pelos romeiros que frequentam o local. Parte significativa do material atualmente exibido, anteriormente pertencente a moradores de Juazeiro, foi incorporada à coleção e integra, de forma permanente, a exposição do Memorial. A biblioteca da instituição, por sua vez, distingue-se pela relevância e diversidade de seu acervo documental, desempenhando função equivalente à de um centro de documentação dedicado à preservação da memória do Padre Cícero e de sua época. “Possui livros, revistas, jornais, fotografias, documentos impressos e manuscritos, que também tratam da trajetória do Padre Cícero, bem como das personalidades históricas relacionadas à sua vivência, do município de Juazeiro do Norte e da região do Cariri”. ALMEIDA & HOLANDA, 2018, p. 52).

*Foto do pano ainda com o sangue da hóstia retirada da boca da beata*

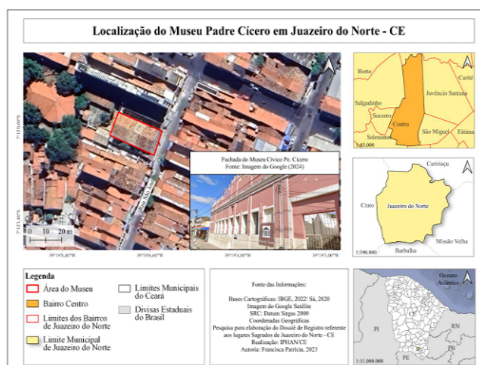


**FONTE:** Memorial Padre Cícero (autoria e data desconhecidas)

Em 2019, o Memorial passou por uma reforma que resultou na atualização de sua estrutura e na reorganização da exposição. O percurso atual é estruturado por uma linha do tempo a partir da série de pinturas da coleção *Padre Cícero: eterna inspiração* (1994), do pintor local Marcus Jussier, complementada por nichos temáticos que abordam aspectos da vida religiosa e sacerdotal, vida política e aspectos do cotidiano de Padre Cícero em Juazeiro do Norte no início do Século XX. O espaço conta ainda com salas expositivas, setores administrativos, instalações sanitárias e auditório, que amplia sua função social e cultural. Um elemento importante na sua configuração diz respeito aos aspectos arquitetônicos, já que a obra é modernista e inspirada no Memorial JK, de Brasília. Além de sua importância histórica e simbólica, o Memorial sedia eventos religiosos, acadêmicos e culturais, sendo um ponto de encontro e de celebração da cultura caririense. Por ocasião da prática de tocar objetos e imagens relacionadas ao Padre Cícero, foram separados alguns itens que podem ser “abraçados” pelos devotos que visitam o museu com frequência, tanto em períodos de romaria quanto em períodos comuns.

No contexto dos lugares de produção de discursos memorialísticos, integra esse roteiro sagrado o Museu Cívico e Religioso Casa Padre Cícero. Localizado na Rua São José, nº 242, em

Juazeiro do Norte, o espaço funcionou como a última morada do sacerdote. Após seu falecimento, o imóvel foi incorporado à Congregação Salesiana e, posteriormente, transformado no atual museu. Conforme o dossiê de registro, a construção, de arquitetura simples, conserva traços originais. Esses traços contribuem para que os devotos se sintam mais próximos do cotidiano do Padre Cícero. O acervo abriga objetos pessoais, peças de mobiliário e relíquias associadas à trajetória do padre, proporcionando simultaneamente uma experiência museológica e devocional. Desse modo, entrelaçam-se no espaço a dimensão histórica e a espiritual.



O quarto em que, segundo a tradição, Padre Cícero teria falecido constitui o espaço de maior visitação do local, caracterizado por intensa simbologia relacionada à sua passagem — especificamente à concepção de que ele não teria morrido, mas apenas realizado uma “viagem”. Nesse ambiente, os romeiros promovem orações, consagrações e depositam objetos pessoais, em um gesto que reforça a dimensão devocional do espaço. Outros elementos do acervo enfatizam esse caráter híbrido entre as esferas museológica e religiosa: a Mesa da Fé, utilizada em rituais de agradecimento; a Costela de Baleia, situada no alpendre e associada a práticas de cura; e a Sala das Imagens de Nossa Senhora, organizada em nichos e destinada à contemplação devocional, mas igualmente à observação pelos turistas que a visitam. De modo semelhante à Casa dos Milagres, o acervo Museu Cívico é composto por um número expressivo de ex-votos, consolidando o espaço como uma interseção entre patrimônio cultural, museologia e religiosidade popular” (PINHEIRO, 2021, p. 29).

*Cama do Padre Cícero, com objetos depositados para serem abençoados - 2024*



O acervo encontra-se registrado e identificado em uma tabela, considerando-se aspectos como: tipo de material guardado, localização da sala e da estante em que se encontra, bem como sua procedência. Conforme os registros dessa tabela, entre os artefatos pertencentes ao Padre Cícero, podem-se citar objetos pessoais e do cotidiano, objetos litúrgicos e alguns itens relacionados aos seus familiares. Estar próximo a esses objetos frequentemente provoca lágrimas nos romeiros. Durante as romarias, as ruas próximas se transformam em feira popular e o museu recebe grande fluxo de visitantes. Em 2019, a Prefeitura de Juazeiro do Norte tombou o imóvel, reconhecendo seu valor histórico, arquitetônico e cultural.

Embora não constitua um espaço de visitação para devotos e romeiros, o Rio Salgadinho destaca-se como elemento estruturante no imaginário religioso desses sujeitos. Denominado “Rio Jordão” pelos romeiros mais antigos, o curso d’água integra a sub-bacia do Salgado, cuja bacia hidrográfica abrange 23 municípios. Nesse contexto, o rio assume caráter simbólico, representando a religiosidade popular que conferiu a Juazeiro do Norte a condição de uma “Nova Jerusalém” sertaneja. Embora nunca tenha sido usado em rituais mais sistemáticos e coletivamente vivenciados, teve importância histórica como área de lazer e de agricultura, antes de sofrer com a poluição. Hoje, degradado pela ocupação desordenada, queimadas, despejo de esgotos e agrotóxicos, resta apenas um curso d’água contaminado. No imaginário popular, o rio também se associa ao mito indígena da Pedra da Batateira, que prevê uma grande inundação poupando apenas o Horto — uma narrativa que mistura tradições indígenas e católicas: O Padre Cícero teria poderes sobrenaturais para controlar as águas. Essa dimensão simbólica, porém, vem desaparecendo das memórias dos fiéis.

*Fotos da década de 1950 tiradas em uma propriedade de Juazeiro banhada pelo Rio Salgadinho*



FONTE: Arquivo de Célia Moraes (autoria desconhecida)

A Ladeira do Horto, oficialmente denominada Rua Bom Jesus do Horto e popularmente conhecida como Estrada Velha, constitui um dos mais relevantes espaços de devoção popular em Juazeiro do Norte (CE). Tradicionalmente, representa o principal percurso penitencial dos romeiros que visitam a cidade, sendo reconhecida como um trajeto de intensa significação simbólica e

religiosa. O acesso à estátua do Horto realiza-se por duas vias principais: a Estrada Velha, de caráter histórico e devocional, e a Estrada Nova, via pavimentada utilizada predominantemente por veículos automotores, como ônibus, automóveis e caminhões do tipo *pau-de-arara*.

*Subida do Horto em dia de romaria*



FONTE: foto de Nívea Uchôa

*Vista lateral da ladeira. No topo, a famosa estátua gigante do Padre Cícero – 2023*



FONTE: foto de Rozélia Costa

Com aproximadamente 2,5 quilômetros de extensão, a Ladeira do Horto estabelece a conexão entre a planície urbana de Juazeiro do Norte e o Complexo do Horto, configurando-se como um eixo de elevada relevância cultural e espiritual. Pavimentada em pedra e margeada por residências de romeiros, a via é amplamente reconhecida como um caminho sagrado, intimamente associado à figura do Padre Cícero Romão Batista, ao culto Sagrado Coração de Jesus e à memória da Paixão de Cristo. Ao longo do percurso, os peregrinos realizam ascensões orando, cantando e meditando. Param nas estações da Via Crucis para deixar flores, santos quebrados, acender velas e dar esmolas. As moradias exibem oratórios domésticos, evidenciando a permanência das tradições da Renovação do Sagrado Coração de Jesus e da religiosidade familiar. Como ocorre em outros espaços sagrados de Juazeiro do Norte, a ladeira do Horto, ultrapassa sua dimensão material, integrando o imaginário religioso popular e a paisagem simbólica.

A presença da Via - Sacra - composta por doze estações que representam o martírio de Cristo -, aliada à visão constante da estátua do Padre Cícero no alto do Horto, confere ao percurso um caráter místico e consagrado.

Dentre as várias paradas obrigatórias na ladeira, uma se destaca pela complexidade dos elementos culturais ali presentes: a casa de mãe Dodô, romeira alagoana e “afilhada” do Padre Cícero que aqui chegou nas primeiras décadas do século XX. Atualmente, residem no local duas senhoras — Alzira do Nascimento (94) e Maria Isabel dos Santos (62) —, integrantes de uma Irmandade fundada por dona Dodô, que se dedicam exclusivamente à oração e ao atendimento espiritual daqueles que as procuram. O ambiente em que vivem é marcado pela abundância de imagens de santos católicos e pelo sincretismo presente em suas práticas de oração e acolhimento.

Um aspecto ainda pouco explorado, mas relevante para a compreensão do sincretismo religioso associado à devoção ao Padre Cícero, é a relação histórica da etnia Pankararu com o território de Juazeiro do Norte. Anualmente, grupos Pankararu oriundos de Pernambuco, especialmente da região próxima à cidade de Tacaratu, às margens do rio São Francisco, realizam romarias em homenagem ao Padre Cícero, visitando o Horto e o Santo Sepulcro. Na residência de Dona Dodô, promovem o ritual do Toré, considerado central em sua identidade cultural e em sua construção de resistência. Na mesma perspectiva sincrética que caracteriza aquele espaço,

realizam-se também, em seu terreiro, rodas de dança de São Gonçalo como cumprimento de promessas.

*Casa de Madrinha Dodô – 2024*



**FONTE:** foto de Álisson Flor

As narrativas orais e as práticas religiosas transmitidas pelas discípulas da Mãe Dodô, assim como os rituais realizados pelos Pankararus e pelos participantes da dança de São Gonçalo na Ladeira do Horto, evidenciam a profundidade e a continuidade geracional presentes nas tradições culturais relacionadas à memória do Padre Cícero. Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se ao sincretismo religioso inscrito na configuração espacial do local. Nesse contexto, constata-se a presença de elementos culturais intrinsecamente vinculados às tradições afro-brasileiras e indígenas, materializados por meio da mistura de imagens sacras, velas, tambores, instrumentos musicais e objetos artesanais (PEREIRA et al., 2024, p. 7).



Hoje, o complexo recebe tanto devotos vindos de todas as partes do Brasil que retornam para realizarem suas penitências quanto visitantes interessados em apreciar a paisagem e registrar o momento em fotografias e vídeos. Além dos aspectos culturais e religiosos, destaca-se a natureza, com o Geossítio Colina do Horto, que abriga as rochas mais antigas do Cariri e integra o Geopark Araripe, reconhecido pela UNESCO.

O Casarão do Padre Cícero, antiga residência de veraneio do sacerdote, configura-se como um relevante espaço museológico que abriga um acervo composto por objetos pessoais e votivos vinculados à trajetória do Padre e à devoção popular que lhe é dedicada. A organização expositiva do acervo busca evidenciar distintas dimensões da vida e da atuação religiosa, social e política de Padre Cícero, revelando a complexidade de sua inserção histórica e simbólica no imaginário nordestino. O percurso expositivo contempla representações em tamanho natural de personagens centrais na narrativa em torno do sacerdote, como Maria de Araújo, Floro Bartolomeu, José Marrocos e o próprio Padre Cícero, dispostas em diferentes salas do museu. Outros espaços são dedicados à apresentação de ex-votos de madeira relacionados a curas e milagres, bem como a fotografias de devotos que afirmam ter alcançado graças, além de objetos associados a essas conquistas — becas, jalecos, diplomas, vestidos de noiva, sapatos de recém-nascidos e blusas de times de futebol, estão entre as peças que podem ser observadas. Há, ainda, uma sala destinada ao culto do denominado “Coração de Jesus”. É amplamente reconhecido que, periodicamente, papéis contendo pedidos e súplicas diversas, depositados em grande quantidade pelos visitantes, são incinerados de forma ritualística, como parte das práticas devocionais que integram o espaço.

*Museu Vivo – 2024*



FONTE: foto de Álisson Flor

O local foi o principal espaço de contato entre ele e os devotos. Frequentemente, o sacerdote aparecia na janela ou na porta para distribuir bênçãos e conselhos, atraindo multidões. Ali eram tratados assuntos espirituais, religiosos e práticos, como colheitas, remédios caseiros e criação de animais. Como já exposto aqui, após a morte do Padre Cícero, em 1934, o foco da devoção deslocou-se para o túmulo na Capela do Socorro, que passou a ser, a partir de então, o principal centro de peregrinação, especialmente no Dia de Finados. Atualmente, o museu se mantém entre os locais de peregrinação mais visitados de Juazeiro do Norte.

De modo geral, o Casarão do Padre Cícero pode ser compreendido com um lócus de memória e de sacralidade, no qual se articulam dimensões cotidianas, políticas e religiosas da

vida do sacerdote. Trata-se, portanto, de um relicário simbólico que preserva e materializa a fé e as oferendas dos fiéis, constituindo um importante patrimônio cultural e religioso da região. A disposição dos objetos expostos evidencia que a narrativa oficial sobre a trajetória do Padre Cícero compartilha espaço com narrativas coletivas moldadas pelas graças recebidas. Durante o período das romarias, esse espaço fica lotado de pessoas de diversas gerações.

O trajeto que conecta a estátua do Padre Cícero ao Santo Sepulcro configura-se como um dos espaços mais emblemáticos e místicos da cartografia religiosa de Juazeiro do Norte. Ao longo desse percurso, observa-se a presença de pequenas tendas que remetem às tradicionais feiras e mercados populares. Nesses espaços são comercializados souvenirs, imagens de santos em gesso e madeira, ervas medicinais, remédios naturais e diversas beberagens, produtos que atuam como suportes materiais da memória das romarias. Muitos romeiros reservam recursos ao longo de todo o ano para adquirir, nesse local, a conhecida “pomada Padre Cícero” e o “bálsamo da vida” — remédios caseiros que se consolidaram como símbolos do imaginário coletivo acerca dos poderes curativos atribuídos a Juazeiro.

*Cruzeiro na Trilha do Santo Sepulcro – 2024*



FONTE: foto de Álisson Flor

*Cruzeiro do Horto – 2024*



FONTE: foto de Álisson Flor

Ao longo do percurso, identificam-se também espaços destinados às práticas de penitência, como pedras e capelas voltadas à purificação espiritual. Tais locais configuram-se como vestígios materiais do papel espiritual desempenhado pelos beatos leigos durante a vida de Padre Cícero e, de forma ainda mais significativa, após o seu falecimento. Diversas cruzes dispostas à beira da estrada chamam a atenção, frequentemente ornadas com flores artificiais e imagens quebradas de santos. Estes objetos, por não poderem ser descartados em lixo comum, são depositados nesses pontos, o que lhes conferem um caráter simbólico e ritual. Entre as capelas situadas no trajeto, destaca-se a de Santa Edwiges, onde se observam múltiplas fitas coloridas e imagens da própria santa, de Padre Cícero e de Frei Damião, compondo um espaço de devoção plural. “Dentro do processo ritual, alguns elementos dessa construção são perpétuos. O caminho feito pelos Beatos João e Palmeira, que hoje é percorrido pelo romeiro alagoano, a pedra do joelho, a pedra das costas, as pedras do pecado, são alguns desses elementos e todos estão diretamente relacionados ao corpo e expressão do romeiro”. (SILVA FILHO, 2021, p. 160).

*Capela de Santa Edwiges – 2024***FONTE:** foto de Álisson Flor

Adicionalmente, encontram-se pedras consideradas milagrosas, entre as quais se destacam duas dispostas verticalmente e em posição paralela. Segundo a tradição local, o fiel que consegue atravessar o estreito espaço entre elas estaria isento de pecados suficientes para condená-lo ao inferno após a morte. Uma antiga narrativa conta que José e Maria teriam passado por ali, carregando o Menino Jesus em um jumento, aproximando a história da Sagrada Família da fé das famílias sertanejas que seguem peregrinando em busca de refúgio e redenção. Há muitas histórias sobre a passagem do menino Jesus por aquelas estradas. Uma das entrevistadas para a elaboração do dossiê de registro, Maria das Dores Guilhermino Damião — conhecida como Dorinha Catequista —, residente no Horto, em entrevista concedida em 08 de fevereiro de 2024, evidenciou a dimensão sagrada atribuída ao território do complexo do Horto:

“(...) Agora, aquelas que vivem no Horto porque o Horto é um lugar Santo onde elas têm a crença de que não se pode nem cuspir no chão porque é um espaço sagrado...(...). E elas diziam muito isso “meu Padrinho dizia que se a gente bem soubesse o que é o Horto, não cuspiria nem no chão”. Isso eu ouvia desde pequena, né. Então para mim, sobre esse espaço sagrado, o Horto é esse espaço. O romeiro quando vem ao Juazeiro tem que ir ao Horto, tem que tocar no meu Padim. É isso, é chegar até o meu Padim, na frente da imagem... A estátua. Tocar, fazer o pedido e dar a volta em torno do cajado. Ir no Santo Sepulcro. Ir até lá, fazer sua penitência, caminhar. Ali tudo é espaço sagrado do romeiro, o Horto em si. Por quê? porque o Horto era do Padre Ciço. Padre Ciço passava a quaresma no Horto, então subia o Horto e fazia aquele ritual que Padre Cícero fazia. É em meditar, em rezar o Bom Jesus do Horto. Lá tem o Bom Jesus que era dele, que Luiza tomava de conta. E ela dizia, ó, Padre Ciço muitas vezes chorou e rezou diante dessa imagem”.

O Padre italiano José Venturelli, membro da congregação salesiana, administrou o Horto entre 1999 e 2015. Ele foi um dos entrevistados para a produção do dossiê de candidatura. Em entrevista concedida em 7 de fevereiro de 2024, aos 80 anos, afirmou que os conflitos em torno do espaço são antigos, remontando à década de 1960. Segundo ele, tanto a Prefeitura de Juazeiro

do Norte quanto a Diocese de Crato questionaram historicamente a presença dos salesianos na administração do local. Em 1969, por ocasião da inauguração da estátua do Padre Cícero, a congregação não foi oficialmente reconhecida como responsável pelo Horto, embora seja considerada herdeira dos bens materiais e simbólicos do sacerdote.

Atualmente, os conflitos em torno do espaço sagrado estendem-se também às formas de uso e de exposição nas redes sociais, especialmente em práticas consideradas lesivas à imagem de Padre Cícero. Durante a elaboração deste parecer técnico, foi noticiada, por meio de emissora de rádio local, a ocorrência de episódios envolvendo influenciadores digitais que teriam utilizado o espaço da estátua do Padre Cícero no Horto de modo inadequado tendo em vista à compreensão da congregação responsável. Outra questão sensível diz respeito à inauguração do teleférico do Horto, que contribuiu para o acirramento das disputas entre os defensores das romarias *stricto sensu* e os adeptos do chamado turismo religioso, já consolidado neste território.

Na década de 1990, novos atritos surgiram com a construção da Igreja do Coração de Jesus. O projeto foi criticado tanto pela decisão de erguer o templo quanto pelo estilo arquitetônico, considerado sem criatividade ou cópia de modelos antigos. Em sua entrevista Venturelli defende que a obra concretiza o sonho do Padre Cícero de “cuidar do povo e fortalecer a devoção ao Sagrado Coração”. Para ele, o Horto possui significado bíblico, associado à experiência do peregrino e a referências como o Monte das Oliveiras e o Santo Sepulcro. O sacerdote, contudo, reconhece a dificuldade de conciliar a devoção popular com a posição da Igreja. Também critica o poder público, que, em sua avaliação, privilegia o turismo religioso em detrimento da dimensão espiritual do Horto. Segundo relato do Padre Cícero José da Silva, Reitor do Santuário Basílica de Nossa Senhora das Dores, Irmã Annette costumava dizer: “*O turista vem ver, padre; o romeiro vem viver.*” Essa fala foi registrada em entrevista presente no dossiê de registro.

A partir do trabalho etnográfico e, sobretudo, das entrevistas realizadas, o dossiê de registro evidencia de que maneira, no exercício da sacralidade, os romeiros imprimiram novos significados a locais institucionalizados pela Igreja Católica, ressignificando-os à luz de sua própria lógica de fé. Um exemplo emblemático dessa dinâmica, como será demonstrado a seguir, é a prática do ritual de circumambulação em frente ao templo “dos franciscanos”, outro dos espaços sagrados de Juazeiro do Norte/CE. A presença romeira nesse espaço propiciou que diversas práticas, anteriormente comuns em outros contextos sagrados de Juazeiro, se consolidassem e adquirissem novas formas naquele ambiente específico.

Neste sentido, a entrevista com Frei Antônio Fernandes Garcia Filho, responsável pelo Santuário dos Franciscanos desde 2022, destaca a relevância religiosa, cultural e social do espaço. O santuário foi construído entre 1949 e 1956, fruto de um esforço coletivo, e sua arquitetura reflete tanto a missão franciscana quanto a relação de pertencimento com a população local. Em seu fundamento, a trajetória histórica desse espaço não apresenta uma relação direta com a figura do Padre Cícero. Contudo, ao longo do tempo, as práticas de assistência espiritual promovidas pelos religiosos responsáveis, articuladas às expressões de religiosidade popular desenvolvidas a partir do fluxo cada vez mais constante de experiências individuais e coletivas dos devotos, contribuíram para a ressignificação do local, que gradualmente se consolidou como ponto de parada indispensável para romeiros oriundos de diversas regiões do Nordeste.

O Santuário de São Francisco é a terceiro templo mais visitado pelos romeiros em Juazeiro do Norte. Localizado nas imediações na antiga estação de trens, a igreja possui arcadas que circulam um pátio interno e o maior destaque está para uma grande estátua de São Francisco, de origem italiana, no centro do pátio. As arcadas, em sua parte superior, formam uma passarela denominada “Passeio das Almas”, bastante apreciada pelo público romeiro. Internamente, a arquitetura de origem barroca é bastante rica, com vários altares laterais. Existe ainda um jardim nos fundos da igreja, com destaque para uma gruta com imagens de santos ex-votos. Da gruta decorada com uma imagem de Nossa Senhora, jorra uma fonte artificial, onde os romeiros fazem fila para encher garrafas e banhar-se, atribuindo poderes curativos à água” (CORDEIRO, 2010, p. 199).



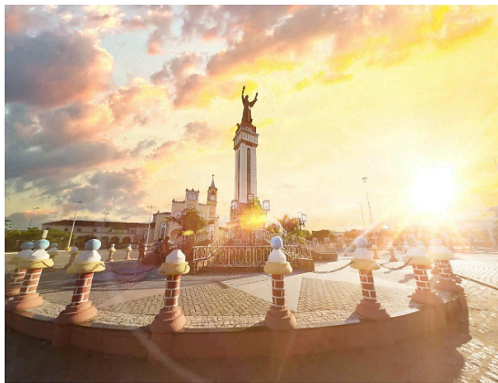
FONTE: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker / Museu da UFCA (autoria e data desconhecidas)



FONTE: foto de José Felipe Alves

A partir de certa altura, os devotos passaram a realizar o ritual de circumambulação, em frente ao templo, no pátio onde há um monumento centralizado, com 12 metros de altura, encimado por uma imagem de São Francisco de bronze. De acordo com as informações presentes no dossiê de registro, nesse espaço, a circum-ambulação é feita por romeiros dentro de ônibus e caminhões pau-de-arara, que costumam entrar e dar três voltas em torno do monumento, fazendo soar suas buzinas em saudação e em busca das bênçãos de São Francisco, mas também do Padre Cícero, avisando que chegaram à cidade, estão no espaço sagrado de Juazeiro do Norte.

Frei Garcia ressalta em sua entrevista a importância de registrar a história do santuário, preservando práticas tradicionais, como o já citado “passeio das almas”, e os relatos de milagres atribuídos ao local. Ao contrário de outros espaços vinculados à memória do Padre Cícero, este santuário adquiriu importância simbólica ao longo do tempo, consolidando-se pela atuação missionária dos frades. Como já exposto aqui, atualmente, constitui-se como importante ponto de referência para os romeiros, especialmente no ciclo de peregrinações de setembro a fevereiro. Assim como ocorre na Igreja do Horto (Sagrado Coração de Jesus), a Igreja de São Francisco apresenta pés extremamente altos, reforçando a ideia de elevação espiritual e de proximidade com o céu. (CORDEIRO, 2010, p. 120). Esse aspecto, aliado à preocupação com o acolhimento manifestada pelos frades franciscanos, constitui um elemento relevante de atração para os romeiros que se dirigem a Juazeiro do Norte/CE. Nos arredores do Santuário, proliferam feiras de objetos sacros e utensílios diversos.



FONTE: foto de Álisson Flor – 2024

A imagem de São Francisco no meio da praça e o templo ao fundo – 2024



FONTE: foto de Álisson Flor

Ao chegarem a Juazeiro, onde permanecem por cerca de quatro a cinco dias durante a romaria, os romeiros seguem seu itinerário que, embora não rigidamente fixo, é cumprido com forte senso de compromisso, guiado pelo pagamento de promessas e pela vivência da fé. O percurso integra templos religiosos oficialmente reconhecidos e espaços ligados à memória do Padre Cícero, ambos considerados territórios de renovação do sagrado. Inclui ainda locais formados de modo espontâneo, resultado das práticas devocionais e simbólicas dos próprios peregrinos. Esses espaços se articulam a um calendário religioso, consolidado ao longo do tempo. Os diferentes relatos presentes no dossiê de registro, assim como nos diversos trabalhos acadêmicos aos quais tivemos acesso, indicam que, embora esses sujeitos mantenham um cotidiano estruturado em determinadas práticas religiosas vinculadas ao catolicismo popular, aguardam com particular expectativa o momento de se deslocarem anualmente para Juazeiro. Juazeiro simboliza a inserção em um tempo que está fora do tempo e em um espaço que está fora do espaço. Nessa perspectiva, o Padre Cícero é concebido como uma figura santificada singular, cuja devoção se diferencia daquela dirigida a outros santos do panteão católico.

*“Padre Cícero? É o santo do sol! Porque os outros santos têm direito de entrar na Igreja, e ficam numa bem boa, na sombra! Mas, nosso Padrinho fica com a gente, no sol, sofrendo do calor como a gente! Meu Padrinho comia nosso feijão, nosso arroz, vivia do jeito da gente, falava do jeito da gente! Hoje ainda, ele continua do nosso lado, no sol, com a gente! Essa passagem ilustra de forma exemplar a maneira como os romeiros interpretam a exclusão do Padre Cícero de suas ordens religiosas: não como um afastamento, mas, ao contrário, como um sinal que o aproxima ainda mais da sertanidade. Seu cotidiano era tão singelo quanto o daqueles que o rodeavam e ainda o procuram. Para eles, Padre Cícero é 'mais um nessa estrada', como afirma outro bendito.*

Um aspecto central na construção dessas territorialidades sagradas — e bastante presente na narrativa do dossiê de registro — é a compreensão de que elas se estendem para além dos pontos focais aqui destacados, os quais funcionam como referenciais para a peregrinação periódica dos romeiros. Nesse contexto, os relatos mostram com frequência que a afetividade se manifesta principalmente pelo fato de Padre Cícero ser um santo que permanece "no sol", fora dos altares, próximo à rotina cotidiana de homens e mulheres. A iconografia do “Padrinho” expandiu-se ao longo do tempo, materializando-se em medalhas, retratos e estátuas de gesso e madeira, ocupando lugar de destaque nos altares domésticos ao lado dos santos oficiais (LOPES, Regis). Longe dos altares oficiais, Padre Cícero está presente em todos os espaços. Os altares domésticos — elementos tão característicos das residências de Juazeiro do Norte, coloridos e

expressivos — articulam harmonia espiritual e valorização do sofrimento e da penitência, como se observa nas imagens de Cristo crucificado e de São Sebastião, por exemplo. Contemplá-los remete-nos a uma geografia complexa da devoção sertaneja, marcada pela intersecção entre o sagrado e o cotidiano. A vida e a “morte” dessas imagens entrelaçam-se nos processos de ritualização e sacralização:

“No Juazeiro, existe um costume singular nas relações comerciais nas casas de santos, explicado por vários romeiros que é “trocar o santo”. Essa imagem, esse terço, esses objetos que são adquiridos pelo romeiro são colocados no túmulo, na cama do Pe. Cícero. Eles tocam esses locais com a ação do romeiro e passam a receber um “espírito”. Quando, por exemplo, esse objeto se quebra, a imagem é depositada em uma Igreja onde existem locais próprios para isso, em cruzeiros, capelas e até cemitérios. O santo se quebra, o “espírito” se esvai. Segundo o romeiro, faz até mal manter a guarda desse objeto. Do contrário, esse objeto perdura até após a morte de seu primeiro detentor, pois passará a ser elemento da ancestralidade cultural, da comunidade do universo romeiro. (SILVA FILHO, 2021.p. 166).

Embora Juazeiro seja a casa oficial do Padre Cícero, cada lar romeiro tornou-se, ao longo do tempo, espaço de devoção, onde sua presença oferece conforto e proteção. Assim, práticas coletivas e experiências individuais transformam a cidade e os lares em lugares sagrados, cuja sacralidade transcende a territorialidade administrativa do município. As linguagens culturais e patrimoniais que narram Juazeiro constituem, assim, também extensões de sua cartografia sagrada.

Com base nas informações fornecidas pelo dossiê de registro e em outros trabalhos analisados, pode-se afirmar que, nos lugares sagrados de Juazeiro, os sentidos patrimoniais se revelam por meio das experiências corporais no tempo e no espaço, evidenciando processos de transmissão de conhecimentos que, ao longo das gerações, dão forma a práticas culturais compartilhadas. Embora determinados signos se mantenham coletivamente reconhecidos, a transmissão de saberes apresenta especificidades contextuais, nas quais cada grupo familiar — seja no âmbito consanguíneo ou comunitário — mobiliza modos próprios de compartilhamento de memórias, gestos, devoções, narrativas e símbolos. Cada grupo de romeiros possui características próprias e vivencia o espaço de maneira singular.

A análise das narrativas do dossiê de registro, assim como de outros trabalhos acadêmicos, revela a participação de múltiplas gerações de uma mesma família nas romarias a Juazeiro do Norte. Os dados indicam que a transmissão de saberes sobre a experiência romeira ocorre por múltiplas vias — oralidade, convivência intergeracional, prática ritual e participação coletiva nos espaços devocionais — e não de forma unívoca. O aspecto geracional é central: a escolha do período da viagem, o transporte, o modo de falar, rezar e se vestir, o que comprar e como traçar os trajetos são todos mediados pelas interações entre gerações.

Neste sentido, torna-se preciso observar o aspecto geracional a partir de vários ângulos: o ângulo biológico (tempo médio de 25 anos): “A partir dessa perspectiva é possível pensar que a história de Juazeiro do Norte, por exemplo, tem, desde sua formação como povoado, cerca de sete gerações” (CORDEIRO, 2010, 213). É possível também analisar a partir das noções de geração demográfica e geração social. Como já afirmado acima, ainda que existam diferenças significativas entre a forma como as diferentes gerações observam e vivenciam as romarias de

Juazeiro do Norte, o ponto em comum daquilo que é experienciado é, sem dúvidas, a ideia de que o trajeto do romeiro precisa obedecer a determinados códigos de pertencimento e identificação. Códigos esses que diferenciam esses sujeitos dos nativos, bem como distinguem seus objetivos (o que é muito importante) dos objetivos do turista que aqui chega. “Não se imagina o romeiro sem seu chapéu, não se pensa Candeias sem as lamparinas, não se é romeiro se dia 20 não se usa o preto em suas vestimentas”. (SILVA FILHO, 2021, p. 166)”.

No que se refere aos pontos de origem dos romeiros, torna-se perceptível a conformação de redes de deslocamento que conectam distintas localidades a Juazeiro do Norte. Essas dinâmicas de mobilidade reforçam a centralidade simbólica da cidade no imaginário devocional de diversos núcleos geográficos do Nordeste, consolidando-a como polo de referência religiosa e cultural. Juazeiro é praticamente equidistante de todas as capitais do Nordeste, sendo chamado de “meio do mundo” por tantos romeiros. Essa particularidade geográfica contribui para um equilíbrio entre os diferentes fluxos de peregrinos.

Com base na análise de estudos sociológicos e antropológicos realizados, sobretudo na última década, bem como em dados divulgados pela imprensa local, é possível afirmar que os principais estados de origem dos romeiros que se dirigem a Juazeiro do Norte são Alagoas e Pernambuco, seguidos de outros estados no Nordeste: Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Maranhão e Bahia. Verifica-se também a presença significativa de romeiros provenientes do próprio estado do Ceará e, em menor proporção, de outras regiões do país. Anualmente, ao término das romarias, são divulgadas estimativas do número de participantes oriundos de cada estado, o que configura uma espécie de disputa simbólica pelo primeiro lugar, frequentemente ocupado pelo estado de Alagoas. Neste contexto, em 2025, uma prefeita alagoana foi agraciada com o título de Cidadã Juazeirense, em reconhecimento ao trabalho sistemático de apoio aos municípios que participam das peregrinações, tendo disponibilizado, naquele ano, dez ônibus destinados ao transporte de romeiros.

No contexto das romarias, a motricidade dos pedestres — expressa nos percursos, deslocamentos e trajetórias no espaço urbano — desempenha um papel estruturante na constituição do sentido sagrado da cidade. O espaço é compreendido como uma produção social continuamente ressignificada pelas práticas cotidianas desses sujeitos. Espera-se o ano todo, economiza-se o ano todo, para que se gaste o capital religioso (e financeiro) nesse período. Os romeiros compreendem, neste sentido, de forma muito nítida, as linhas que aproximam, separam e confundem a cidade-santa, a cidade-mundana e a cidade-comércio. O cronograma, estabelecido de forma relativamente rígida para os quatro ou cinco dias de permanência, é estruturado a partir de uma hierarquia de compromissos. Em primeiro lugar, priorizam-se as atividades de caráter penitencial e aquelas voltadas à devolutiva das graças alcançadas; em seguida, incluem-se as idas ao comércio e as visitas aos balneários e parques aquáticos localizados na Chapada do Araripe.

“A cada retorno, o devoto encontra o tempo da criação do lugar e dos eventos fantásticos que o tornaram sagrado. Desse modo, o espaço sagrado oferece ao homem religioso uma abertura no espaço-tempo. Ao retornar ao tempo original, fundado durante a criação dessa realidade, anualmente o romeiro acessa a possibilidade de retomar o cotidiano aliviado de suas culpas e pecados” (CORDEIRO, 2010, p. 122).

Desse modo, o caráter sagrado dos territórios mencionados não se origina unicamente de sua materialidade, mas se atualiza na dinâmica relação entre corpo, espaço e tempo, entre crença e experiência prática. O denominado “meio do mundo” — conceito recorrente na literatura sobre o Juazeiro sagrado, mas também presente em narrativas populares, como a de uma romeira pernambucana entrevistada em 2025, que relatou ouvir tal expressão de seu pai na infância — configura-se como resultado do entrelaçamento de experiências, memórias e devoções que se renovam e se reatualizam a cada romaria, assegurando a continuidade e a vitalidade das tradições devocionais em Juazeiro do Norte. Para os devotos, Juazeiro constitui o “meio do mundo” por ser o espaço em que periodicamente reencontram o sagrado e reafirmam sua identidade espiritual. Todos os elementos aqui discutidos foram devidamente registrados no dossiê de candidatura analisado.

#### **4. Recomendações de Salvaguarda:**

No item “Recomendações de Salvaguarda – Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte”, o dossiê destaca que a diversidade de elementos históricos que conferiram a esses espaços seu caráter sagrado, especialmente pelas experiências dos peregrinos, também os torna “lugares sensíveis” quanto à sua preservação ao longo do tempo. A partir de entrevistas realizadas com gestores municipais, professores, representantes da Igreja Católica e romeiros, verificou-se que Juazeiro do Norte enfrenta desafios relevantes – muitos deles históricos – tanto durante as romarias quanto em seu período comum. Com o reconhecimento oficial desses lugares, novos desafios emergirão, os quais serão organizados e explicitados a seguir.

A cidade, com cerca de 286 mil habitantes, tem sua população multiplicada anualmente com a chegada de aproximadamente 2,5 milhões de romeiros. Essa intensa presença histórica e devocional molda tanto sua identidade territorial quanto sua economia, ao mesmo tempo em que impõe desafios que impactam a experiência dos fiéis nos Lugares Sagrados. Entre esses desafios estão questões históricas e imagéticas, assim como a necessidade de criar espaços de memória, promover a transmissão de conhecimentos e desenvolver estratégias para garantir a sustentabilidade desse complexo conjunto de elementos espaciais. Todos esses aspectos foram identificados pelo dossiê de registro.

#### **Principais problemáticas identificados:**

1. A ausência de dados quantitativos e qualitativos confiáveis sobre a dinâmica anual da romaria — como número de visitantes, origem e tempo de permanência — dificulta a implementação de políticas públicas adequadas nas áreas de saúde, segurança e assistência social;
2. Problemáticas relacionadas ao trânsito, à mobilidade urbana e ao ordenamento do comércio, como congestionamentos, risco de acidentes, falta de áreas específicas para ônibus e caminhões, além de calçadas ocupadas de forma desordenada pelo comércio, comprometendo o fluxo dos pedestres;
3. Infraestrutura urbana insuficiente, com falta de água durante os períodos de maior fluxo de romeiros e acúmulo de lixo sem tratamento adequado, o que gera poluição e aumenta os riscos à saúde;

4. Apesar dos pontos de apoio disponibilizados pela Prefeitura, os serviços de saúde permanecem limitados para atender a expressiva quantidade de romeiros que chegam periodicamente;
5. Hospedagens precárias, caracterizadas por ranchos insalubres e sem fiscalização;
6. Acessibilidade limitada: idosos, pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida enfrentam dificuldades para acessar os lugares sagrados;
7. Dificuldades em garantir o livre trânsito dos romeiros, que muitas vezes utilizam seu tradicional 'pau de arara' como meio de transporte;
8. Constata-se a falta de políticas estruturadas para catalogar, organizar e preservar o rico acervo documental, bibliográfico e de bens móveis, bem como os artefatos vinculados à trajetória do Padre Cícero e à memória histórica e social dos espaços sagrados de Juazeiro do Norte.

Diante do diagnóstico apresentado pelo dossiê de registro e considerando os aspectos observados durante o trabalho de campo realizado para a elaboração deste parecer técnico, apresentam-se a seguir algumas recomendações voltadas a subsidiar a formulação de políticas de salvaguarda para os Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte/CE:

1. Criar instâncias permanentes de diálogo entre poder público, Igreja Católica (Diocese, Salesianos, Franciscanos e Pastoral da Romaria), sociedade civil, gestão pública e romeiros do Nordeste, visando garantir decisões participativas que assegurem a continuidade histórica do bem;
2. Promover pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o perfil dos romeiros e suas práticas socioculturais e religiosas, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas adequadas, fundamentadas em análises constantemente atualizadas de suas práticas culturais;
3. Elaborar e implementar planos integrados de mobilidade urbana, contemplando a ampliação de faixas de pedestres, a criação de áreas exclusivas para caminhantes, o fortalecimento da fiscalização do trânsito e a oferta de estacionamentos compatíveis com a demanda nos períodos de romaria;
4. Promover a organização e fiscalização do comércio durante os períodos de romaria, conciliando as atividades econômicas com a preservação da dimensão religiosa e cultural dos espaços sagrados;
5. Ampliar e qualificar os serviços públicos essenciais, especialmente os relacionados ao abastecimento de água, à saúde e à limpeza urbana, ajustando-os à intensidade e à sazonalidade do fluxo de romeiros;
6. Assegurar hospedagens seguras, regulamentadas e fiscalizadas, observando padrões de qualidade, acolhimento e justiça financeira;
7. Estabelecer uma política sólida de diálogo entre a gestão municipal de Juazeiro, representantes dos romeiros, a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT) e os órgãos municipais de trânsito, com o objetivo de assegurar o trânsito livre e seguro dos romeiros em veículos conhecidos como 'pau de arara', sem causar constrangimentos de natureza financeira ou religiosa, garantindo simultaneamente o cumprimento dos princípios de segurança viária.

Entre os aspectos analisados, destaca-se um que impacta diretamente o direito à liberdade religiosa por envolver uma tradição cultural intergeracional (DOS SANTOS, 2021, p. 216): o Projeto de Lei nº 3.643/2015, em tramitação desde 2019, que propõe o reconhecimento do uso do “pau de arara” em romarias religiosas como

Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O projeto já recebeu parecer favorável das Comissões de Cultura e de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara dos Deputados e aguarda apreciação no Senado Federal para sua aprovação e entrada em vigor. Sobre o tema, destaca-se o depoimento de uma romeira ao professor e ex-secretário de Turismo de Juazeiro do Norte, José Carlos dos Santos “o caminhão pau de arara é nossa capela de quatro rodas. No ônibus, a gente cochila e dorme, mas no caminhão a gente reza e canta os benditos. A romaria começa quando saímos de casa e vamos na estrada sentindo aquele ventinho gostoso e todos os romeiros felizes para chegar no santo Juazeiro” (DOS SANTOS, 2021, p, 215).

A seguir, apresentam-se algumas recomendações relacionadas à memória histórica, à pesquisa e à preservação do patrimônio documental e arqueológico relacionados diretamente aos lugares sagrados de Juazeiro do Norte:

- 1. Implementar a criação de um Centro de Memória dos Romeiros, voltado à valorização, preservação, difusão e pesquisa sobre sua história, suas práticas devocionais e seu papel na formação da paisagem cultural local;
- 2. Assim como observado em outras cidades, como Recife, torna-se necessária a institucionalização de um roteiro turístico-religioso — o 'Juazeiro Sagrado' — que valorize a elaboração de narrativas histórico-patrimoniais capazes de conferir coerência e profundidade à experiência do devoto em suas visitas a esses espaços sagrados;
- 3. Destinar apoio técnico e financeiro aos equipamentos de memória existentes — especialmente o Memorial Padre Cícero, a Casa dos Milagres, a Casa do Padre Cícero e o Museu Vivo do Padre Cícero —, com o objetivo de fortalecer sua capacidade de atuação, garantir sua sustentabilidade e ampliar sua inserção em políticas públicas de cultura, patrimônio e museologia, em especial aquelas voltadas à catalogação dos acervos de bens móveis e do patrimônio documental;
- 4. Realizar diagnósticos de acessibilidade e implementar intervenções que assegurem condições seguras e inclusivas de circulação em todos os Lugares Sagrados, em conformidade com a legislação vigente e os princípios da acessibilidade universal.

Tais recomendações — algumas já contempladas no dossiê de registro e outras aqui incorporadas por serem consideradas estratégicas — têm como objetivo articular a preservação dos bens culturais, materiais e imateriais, diretamente vinculados aos lugares sagrados de Juazeiro, ao aprimoramento da infraestrutura urbana e à garantia de condições adequadas de acolhimento aos romeiros. Reconhece-se, ademais, que essas diretrizes expressam dinâmicas históricas em permanente transformação, as quais configuram as práticas de cartografização, apropriação e vivência coletiva dos espaços sagrados objeto deste registro. As medidas propostas observam, ainda, os princípios de promoção, preservação e sustentabilidade dos bens culturais aqui apresentados.

## 5. Conclusão

***(...) Também sou teu povo senhor, estou nessa estrada (...)***

Nesse momento de desfecho, peço licença para um depoimento: chamo-me Cícera — uma entre tantas Cíceras deste Joazeiro do Padim Ciço. Vim ao mundo no início dos anos 1980, prematura de oito meses, já dada como perdida nas estatísticas dos “cemitérios de anjinhos” que

se multiplicavam no Ceará daquela época. Mas minha mãe fez uma promessa. E assim, contrariando o destino que parecia traçado, sobrevivi onde tantas outras vidas se apagaram. Com apenas seis meses de idade, cumpri minha primeira peregrinação — o pagamento da promessa. Fui levada nos braços de vizinhos e de meus pais ao horto. Essa memória não guardo com objetividade, mas meu corpo e minha experiência estão marcados pelas travessias desses lugares sagrados, que tantos outros milhões de corpos também ajudaram — e ainda ajudam — a cartografar.

À semelhança do que ocorre em *As Cidades Invisíveis* (1972), de Ítalo Calvino, Juazeiro do Norte se configura como um espaço múltiplo, composto por cidades imaginadas e imaginárias que, ao se sobreporem, constituem um território simbólico continuamente renovado pela experiência da peregrinação e da romaria. Tal como nas cidades descritas por Calvino, Juazeiro e seus lugares sagrados assumem a função de metáforas da experiência humana no tempo, atravessada por tragédias e prodígios. Ao encontrarem o santo que habita “do lado do sol”, os romeiros reconhecem nesse encontro a semelhança e a proximidade — a leitura possível de suas próprias trajetórias de errância e redenção.

Autores como Régis Lopes, na obra *O Meio do Mundo* (2014), evidenciam que o sagrado em Juazeiro se manifesta como prática social e histórica, tecida por tensões e experiências coletivas. A cidade, nesse sentido, pode ser (re)representada em múltiplas dimensões: religiosa, como lugar de passagem de romeiros, beatos e penitentes; comercial e artesanal, como espaço de prosperidade para artesãos e comerciantes; cultural, como território de cordelistas, cantadores e memorialistas; e como espaço de conflitos e contradições — condenada pela Igreja Católica e por muitos intelectuais, mas celebrada por outros narradores como cidade do progresso e do futuro. Todas essas construções passam, inevitavelmente, pela figura do Padre Cícero e pela constituição de uma cartografia sagrada em torno do seu território.

Conforme demonstrado ao longo parecer técnico, considera-se que o dossiê descritivo de registro apresentado explicita, de maneira consistente e fundamentada, a relevância do bem em âmbito nacional. O documento reúne narrativas sobre práticas, saberes e significados que delineiam uma verdadeira cartografia do sagrado e das sacralidades do Nordeste brasileiro, evidenciando um conjunto de experiências marcadas por expressiva profundidade, continuidade e consistência histórica. O documento reúne práticas, saberes e significados que delineiam uma verdadeira cartografia do sagrado e das sacralidades do Nordeste brasileiro, evidenciando um conjunto de experiências marcadas por expressiva profundidade, continuidade e consistência histórica. Ao longo de sua narrativa, o dossiê apresenta a justificativa da candidatura, sustentando o entendimento de que Juazeiro do Norte se configura como uma cidade-santuário ou herópolis, cidade-santuário ou hierópolis, conforme o conceito de Zeny Rosendahl, que define tais cidades como “centros de convergência de peregrinos que, com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço” (Dossiê, p. 147).

Dessa forma, com base nos elementos apresentados no dossiê de registro, verifica-se que o bem em questão reúne atributos que justificam sua inscrição no Livro de Registro de Lugares. Tal reconhecimento decorre de sua relevância para as práticas de religiosidade popular, de sua continuidade histórica e de seu papel na dinâmica cultural de milhões de nordestinos ao longo do tempo. O dossiê examina de maneira abrangente esses aspectos, reunindo um conjunto expressivo de registros e documentos históricos que evidenciam as múltiplas camadas temporais

do fenômeno analisado. Além disso, o material destaca as transformações demográficas vivenciadas por Juazeiro do Norte, à luz das experiências místicas que, ao longo dos anos, moldaram o território em questão.

Diante do exposto, em razão de sua profundidade, continuidade histórica e permanente reelaboração ao longo do tempo; de sua relevância nacional na preservação da memória, da identidade e da formação social de contextos fundamentais para a História Social do Nordeste; por constituir referência cultural de reconhecida importância, especialmente para as populações historicamente empobrecidas da região; pela dimensão reparadora diante dos estereótipos construídos em torno da religiosidade popular desses grupos sociais; pela força de uma religiosidade capaz de rememorar o passado e ressignificar o presente — considerando, ainda, a contemporaneidade e a influência do Padre Cícero; pela experiência continuamente (re)atualizada de vivenciar o espaço sagrado de Juazeiro; pela complexa cosmogonia que se manifesta nas cartografias do sagrado e nas práticas místicas a elas associadas; e por todos os demais aspectos analisados neste parecer técnico, manifestamo-nos favoravelmente à inscrição dos Lugares Sagrados de Juazeiro do Norte/CE no Livro de Registro dos Lugares como Patrimônio Cultural do Brasil.

É o parecer. Juazeiro do Norte, 01 de novembro de 2025.

### **Bibliografia:**

AGAPTO, Daniela Marcia Medina Pereira. ROMARIAS E LIBERDADES- Juazeiro do Norte e o pós-abolição (1860-1914) / Daniela Marcia Medina Agapto. – 2021.

ALMEIDA, Regivania Rodrigues de; HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Memorial Padre Cícero e outras histórias*. Nova Olinda-CE: Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, 2018.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

Silva, Amanda Teixeira da. Juazeiro sem Padre Cícero : uma cidade que não se esqueceu (1934-1969) / Amanda Teixeira da Silva. – 2018.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero: A Terra da Mãe de Deus. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. A subida do Horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Debates do NER, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 197-214, jan./jun. 2014.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. Padre Cícero: Sociologia de um padre, antropologia de um santo. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

BRITO, C. F. de. *Ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero e musealização: modelando a informação museológica do bem material integrando a presença intangível, simbólica, da memória coletiva*. Rio de Janeiro: 2017. xiv, 112 f. : il.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 2. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. 2010. 242f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ELIADE, Mircea. O Profano e o Sagrado. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JULIO, Janaína Félix. Fluxos religiosos na casa de Madrinha Dodô. Ladeira do Horto, Juazeiro do Norte – CE. 2023. 133f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/52090/1/Fluxosreligiososcasa\\_Julio\\_2023.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/52090/1/Fluxosreligiososcasa_Julio_2023.pdf). Acesso em: 19 jan. 2024.

LIRA NETO. Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENESES, Itamara Freires. As romarias de Juazeiro do Norte aos olhos dos não devotos. 2023. 152f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/57362/1/RomariasJuazeiroNorte\\_Menes\\_2023.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/57362/1/RomariasJuazeiroNorte_Menes_2023.pdf). Acesso em: 30 jan. 2024.

NOBRE, Edianne. O Teatro de Deus: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro. Fortaleza: IMEPH, 2011.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra. Juazeiro do Norte: BSG – Bureau de Serviços Gráficos, 2021.

\_\_\_\_\_. Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Orgs). Vidas em Romaria. Fortaleza: EdUECE, 2016.

OLIVEIRA, Antônio Wendell Alves de. Ser-tão romeiro: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte-CE. Tese 198 (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, 2019. OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. Passado perpétuo: os Penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro do Norte, CE., Dissertação (Mestrado em História), PPGH–UFCG, Campina Grande, 2017.

PAZ, Renata Marinho. O santo que fica no sol: uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto (Orgs.). Estudos Regionais: limites e possibilidades. Crato: NERE/CERES Editora, 2004. PAZ, Renata Marinho. Pelos caminhos da fé: uma leitura etnográfica sobre os espaços sagrados em Juazeiro do Norte. In: Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva I. Fortaleza: IPHAN - CE, 2014. p. 135-156.

PINHO, Maria de Fátima Moraes. Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário, intervenções. Sobral: Editora SertãoCult, 2023.

\_\_\_\_\_. Itamara Freires de; CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Romarias entre mundos, em busca de sentidos: notas sobre viagem, virtualização e participação de não devotos em Juazeiro do Norte. ATeo, Rio de Janeiro, v. 29, n. 75, p. 1–11, jan./jun. 2025.

\_\_\_\_\_. Padre Cícero: anjo ou demônio? Teias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero. 2019. 417f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2021.

PEREIRA, Cassio Expedito Galdino; MACEDO, Maria Raynara de Brito; SOUZA, Fabiana Gonçalves de; NASCIMENTO, Francisco Joedson da Silva; RIBEIRO, Emerson. Mapeando deslocamento dos povos indígenas romeiros em Juazeiro do Norte, Ceará. *Revista GeoUECE*, Fortaleza, v. 13, n. 25, p. 1-19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.52521/geouece.v13i25.12800>.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/12800/12417>. Acesso em: 3 out. 2025.

PINHEIRO, Ana Cristina Lucio; SAMPAIO, Débora Adriano. Informação, museu e representação: instrumentos de preservação da memória no museu cívico religioso Padre Cícero. *RACIn*, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 26-42, jan./jun. 2021.

SILVA, Amanda Teixeira da. Juazeiro sem Padre Cícero: uma cidade que não se esqueceu (1934-1969) / Amanda Teixeira da Silva. – 2018.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em:

[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10318/1/2014\\_liv\\_fr Ramos.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10318/1/2014_liv_fr Ramos.pdf).

ROCHA, Ewelter. Benditos da Ladeira do Horto: uma breve etnografia do silêncio. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 73, p. 64-82, ago. 2019. .

Santos Silva, Maria Eulália; FREIRE, Giovanna Garcéz. A conservação através do seu significado: o Memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte, Ceará. In: *DOCOMOMO Norte/Nordeste*, 9, 2022, São Luís, Anais...São Luís, 2022.

TORRES, Geovane Gesteira Sales; OLIVEIRA, Bárbara Almeida; LEITE, Maria Laís dos Santos. O silenciamento da Beata Maria de Araújo na construção de sentidos em torno da hóstia em Juazeiro do Norte – CE. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. Foz do Iguaçu, Vol. 09, n. 02, jul-dez, 2023, p. 12.

Simpósio Um Padre e sua Fé (2020: Rio de Janeiro) [Trabalhos apresentados] / Simpósio Um Padre e sua Fé: Cícero, História e Legado, 06 e 07 de outubro de 2020; organizadores Waldecir Gonzaga, Antônio Luis Catelan Ferreira, Paulo Fernando Carneiro de Andrade. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

VIANA, José Ítalo Bezerra. *As muitas artes do Cariri: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI*. 2017. 255 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2017.



Documento assinado eletronicamente por **Cícera Patrícia Alcântara Bezerra, Técnico I**, em 01/11/2025, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **6841115** e o código CRC **D9966F65**.

**Referência:** Processo nº 01496.000050/2019-43

SEI nº 6841115